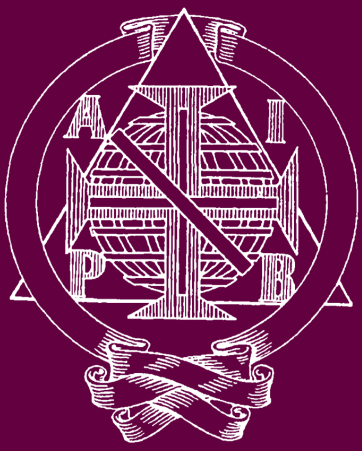
ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

PARA A ORDEM NOVA



MMXX

AÇÃO ORLEANISTA

MMXX

PARA A
ORDEM NOVA

Escrito por
Arlindo Veiga dos Santos

re-edição da versão original
de 1933 por:
Ana Paula Berger

Editado e Disponibilizado
pela Ação Orleanista

copyright © 2020 by Ana P. Berger.

Todos os direitos desta edição
reservados à
AÇÃO ORLEANISTA.
Rio de Janeiro, RJ. Brasil
contato@orleanismo.org
www.orleanismo.org
MMXX

SUMÁRIO

Capítulo 1 - O Individualismo e suas consequências.....09
Capítulo 2 - A Encíclica *Rerum Novarum*.....13
Capítulo 3 - A Encíclica *Quadragesimo Anno*.....22
Capítulo 3.1 - Os benefícios da *Rerum Novaraum*.....23
Capítulo 3.2 - A doutrina social e econômica.....24
Capítulo 3.3 - A economia, o socialismo e o comunismo.....33
Capítulo 3.4 - A Reforma dos Costumes.....36
Capítulo 4 - Elogio do Papa.....43
Capítulo 5 - Elogio do Cardial Arcoverde.....48
Capítulo 6 - As duas cidades.....52
Capítulo 7 - Ser Santo.....62
Capítulo 8 - Ação Católica.....66
Capítulo 9 - A pergunta de São João Batista.....71
Capítulo 10 - Caridade e humildade.....75
Capítulo 11 - O futuro da Ibero-América.....80
Capítulo 12 - Sonho profético do Beato João Bosco.....82
Capítulo 13 - A Caminho.....95
Capítulo 14 - A fé antiga e imortal.....100

Capítulo 1
O Individualismo e suas consequências

"A doutrina social católica não se resume no combate negativo ao individualismo, socialismo ou comunismo".

Ilógico seria, e indigno de um católico, o combater os males da questão social apenas pelos erros do socialismo e do comunismo, que são apenas consequência de erro muito maior, qual seja o próprio individualismo, que de longa data vem trabalhando a inteligência e a vontade humana, exprimindo-se o campo religioso pela reforma protestante, no campo filosófico pelo racionalismo, e no campo social e político, pelo naturalismo e pelo liberalismo.

Por isso é que diz Leão XIII: Se a sociedade humana que sarar, sê-lo-á somente pela volta à VIDA E INSTITUIÇÕES CRISTÃS. Vide *Rerum Novarum*.

Toda sociedade moderna, em todas as suas manifestações de vida, se orienta pelo individualismo no seu sentido mais profundo, isto é – fora de toda autoridade superior de Deus e da Igreja. Ao menos, assim o é praticamente.

"*A insurreição completa contra o império de Deus e recusar-lhe absolutamente toda obediência, seja na vida pública, quer na vida particular e doméstica – diz Leão XIII – é a um tempo, sem dúvida alguma, a maior depravação da liberdade e a pior espécie de liberalismo*" (*libertas*).

E, se derivam desses males todos os erros políticos teóricos modernos, que explodem na realidade da vida, é, antes de tudo com eles que tem de haver os que aspirem por uma sólida renovação da vida social contemporânea. Matemo-los na fonte. O mal está na inteligência e no coração. Pois, como diz o grande Papa, a questão social é "*antes de mais nada, uma questão moral e religiosa*" (*Graves de communi*).

***

Que mais são as causas próximas da crise social, senão a "dessobrenaturalização" do homem? A sede de inovações, a aversão pela vida humilde e laboriosa, o horror ao sofrimento, o esquecimento dos bens eternos, o ilimitado desejo de riqueza e gozos, a falta de união dos

membros da sociedade entre si pela caridade recíproca e a união dos membros mesmos com a cabeça pela submissão à autoridade (Bento XV), – tudo isso é naturalismo.

***

O comunismo e o bolchevismo nada mais são do que as últimas consequências dos maus costumes e pensamentos modernos.

O socialismo em todas as formas (se é realmente socialismo) é o comunismo covarde, é o bolchevismo burguês e precavido que tem medo ou finge ter medo de declarar-se abertamente. Ou não é socialismo, e então deve aderir ao catolicismo social; ou é mesmo socialismo, e então cumpre desmascarar-se, mostrando no rosto o signo de Moscóvia.

***

Como, porém, a política da Igreja (se assim se pode dizer) não é negativista, não poderá ficar unicamente apenas no combate a todos esses modernos erros, senão, que criticando-os, apresenta depois os remédios adequados a solucionar as questões criadas ou alimentadas e agravadas pelos curandeiros das seitas religiosas, filosóficas ou políticas. Ouçamos o próprio grande mestre Leão XIII:

"*Tal é a economia dos direitos e deveres ensinados pela filosofia cristã. E não se veria em breve efetuada a pacificação se tais ensinamentos pudessem uma vez prevalecer nas sociedades?* [...] *Entretanto, a Igreja não se contenta em indigitar aos homens os trâmites que os levam à salvação; até lá os conduz e aplica com suas próprias mãos o remédio à doença. Inteiramente se dedica a instruí-los e exalçá-los, segundo os seus princípios e doutrina, cujas águas vivificantes se esmera em derramar, tão longe e largamente quanto lhe é possível, pelo ministério dos Bispos e do Clero. Depois, esforça-se por entrar nas almas e obter das vontades que estas se deixem conduzir e governar pelas*

regras dos preceitos divinos"
(*Rerum Novarum*).

***

Se, pois, assim falam os Papas, facilmente se vê que a Doutrina Social Católica que, conforme diz Pio XI e nós outros observamos experimentalmente, entrou de tomar grande surto com a encíclica *Rerum Novarum*, – não se resume no combate negativo ao individualismo, socialismo ou comunismo, senão que ABRANGE ENSINAMENTOS POSITIVOS E ORGÂNICOS SOBRE OS REMÉDIOS NATURAIS E SOBRENATURAIS AOS ABUSO DA PROPRIEDADE PARTICULAR, o que adiante provaremos com o passear, passo-a-passo, pela encíclica *Quadrasesimo Anno*, digno prosseguimento da *Rerum Novarum*.

Capítulo 2
A Encíclica Rerum Novarum

"A Doutrina Social Católica abrange ensinamentos sociais positivos e orgânicos os remédios naturais e sobrenaturais aos abusos da propriedade particular".

Não se compreenderia a *Rerum Novarum* sem a longa preparação feita pelo sublime Pontífice com a edição das prévias encíclicas que antecederam a essa. Assim, precederam-na *Arcanum* (10/02/1880), sobre a família e o matrimônio; *Diuturnum* (29/06/1881) sobre a origem da autoridade civil; *Immortale Dei* (01/11/1885), sobre a Igreja e o Estado; *Sapientiae Christianae* (10/01/1885), sobre deveres dos católicos como cidadãos; *Quod Aposiolici Muneris* (28/12/1878), contra os princípios do socialismo; *Libertas* (20/06/1888), contra as falsas teorias da liberdade humana, contra o liberalismo. E muitas outras.

Como coroa de todas elas vinha a Rerum Novarum em 15 de maio de 1891.

Naquela primeira (*Arcanum*) já reivindicava o Santo Padre os direitos divinos do matrimônio e estigmatizava o divórcio, calamidade que então já fizera a sua experiência desastrosa. Na *Diuturnum* afirmava o princípio da autoridade, definia sua verdadeira origem (divina), marcava-lhe o fim, verberava o dito "direito novo" (liberal) com todas as suas sinistras consequências, máxime no capítulo da dita "soberania do povo", avocando também o tempo em que o mutuo acordo entre a Igreja e o Estado fazia a felicidade e paz do povo. Na *Immortale Dei*, define as relações entre a Igreja e o Estado, velho tema sempre renovado, vergasta a separação dos dois poderes imposta pelo crime judeu-maçônico-liberal, produzindo essas lindas palavras:

"*Houve um tempo em que a filosofia do Evangelho governava os Estados. Nesta época, a influência da sabedoria cristã e a sua virtude introduzia-se nas leis, nas instituições, nos costumes dos povos, em todas as classes e em todas as relações da sociedade civil. Então a religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, estava por toda a parte florescente, graças ao favor dos príncipes e à proteção legítima dos magistrados. Então o sacerdócio e o império estavam ligados entre si por uma feliz concórdia, e amigável reciprocidade de bons ofícios. Assim organizada, a sociedade civil deu frutos superiores a toda a expectativa, cuja memória subsiste e*

subsistirá, consignada, como está, em inúmeros documentos, os quais nenhum artifício dos adversários poderá corromper ou obscurecer".

Depois, cita as palavras de Ivo de Chartres: "*Quando, o império e o sacerdócio vivem em boa harmonia, o mundo é bem governado, a Igreja está florescente e fecunda. Mas, quando a discórdia se mete de permeio, não só as pequenas coisas deixam de crescer, mas as grandes definham miseravelmente*".

Aqui também, põe a nu todas as mazelas do liberalismo, desde o erro da origem do poder, até o espírito de partidos. Quanto ao poder, diz: "*Não há potestade que não venha de Deus (Rom. XIII, 1) – Todavia a soberania por si, não está necessariamente ligada a forma alguma política; pode perfeitamente adaptar-se a esta ou àquela, contanto que ela seja realmente adequada e útil ao bem comum. Qualquer, porém, que seja a forma de governo, todos os chefes de Estado devem absolutamente fixar as suas vistas sobre Deus, soberano e moderador do mundo, e no cumprimento do seu mandato tomá-lo por modelo e regra*".

E a soberania do povo, de que estão cheias as bocas dos liberais-democráticos conjurados no mundo inteiro contra a Igreja? "*Quanto à soberania do povo, diz, a qual sem respeito algum por Deus diz-se que reside por direito natural no próprio povo, se é eminentemente própria para lisonjear e para inflamar inúmeras paixões, não se baseia, contudo, em nenhum fundamento sólido e não poderá ter força bastante para garantir a segurança pública e a conservação pacífica da ordem. Efetivamente, sob o império destas doutrinas, os princípios fraquejaram a ponto que muitos sustentam ser uma lei imprescritível em direito político poder-se legitimamente promover sedições. Porque prevalece a opinião de que os chefes do governo não são mais do que delegados encarregados de executar a vontade do povo; daí esta consequência necessária: que tudo possa igualmente mudar à vontade do povo, e que haja sempre receio de perturbações*".

Na *Sapientiae Christianae*, define a situação e os deveres dos católicos como cidadãos, dizendo entre outras coisas:

"*Amemos, pois, e muito a nossa pátria terrena que nos deu a vida mortal; mas amemos ainda mais a Igreja a quem somos devedores da vida imortal da alma, porque é justo preferir os bens da alma aos do corpo, e os deveres para com Deus têm um caráter mais sagrado que os deveres para com os homens.* [...] *Portanto amar ambas as pátrias, a da terra e a do céu, mas com tal ordem que o amor da pátria celeste prevaleça ao amor da primeira, e que jamais as leis humanas sejam preferidas à lei de Deus, tal é o principal dever dos cristãos, dever que é como a fonte onde derivam todos os outros deveres".*

Na *Quod Apostolici Muneris*, fazia a definição da doutrina católica contra os socialistas, comunistas e niilistas (o que é hoje de palpitante oportunidade), mostrando como a raiz desses erros modernos está na reforma protestante e o racionalismo consequente. Não é sem propósito transcrever aqui o áureo trecho dessa matéria:

"*Esta audácia de homens pérfidos, que ameaça com uma ruína cada vez mais grave a sociedade civil, e enche de inquietação e temor todos os espíritos, tiram a sua origem e a sua causa dessas doutrinas envenenadas, que, em tempos anteriores, espalhadas como gérmen de corrupção entre os povos, têm produzido a seu tempo frutos deletérios. Efetivamente sabeis muito bem, Veneráveis Irmãos, que a guerra encarniçada que os Inovadores declararam, a partir do século XVI, contra a fé católica, e que tem aumentado de dia para dia cada vez mais, até à nossa época, tende a este fim, que recusando toda a revelação e suprimindo toda a ordem sobrenatural, esteja aberto o campo às invenções, ou antes aos delírios da razão somente.*

Este erro, que, da razão indevidamente tira o nome, lisonjeia e excita o orgulho do homem e tira o freio a todas as suas paixões: por isso invadiu naturalmente não só o espírito de muitos indivíduos, mas também, em grande escala, a sociedade civil. Daí veio que, por uma nova impiedade, desconhecida até dos pagãos, os Estados se constituíram sem fazer caso algum de Deus, nem da ordem por Ele estabelecida; a autoridade pública foi declarada como não tirando de Deus,

nem o seu princípio, nem a majestade, nem a força de mandar, mas que provinha da multidão, que, reputando-se livre de toda a sanção divina, julgou que devia submissão apenas às leis que ela mesma fizesse, consoante o seu capricho. Sendo combatidas e rejeitadas as verdades sobrenaturais da fé como contrárias à razão, o próprio Autor e Redentor do gênero humano é insensivelmente e pouco a pouco banido das Universidades, dos liceus, dos colégios e de todo o uso público da vida humana; enfim, as recompensas e castigos da vida futura e eterna foram entregues ao olvido, e o desejo ardente da felicidade foi circunscrito aos limites do tempo presente. Estando por toda a parte profusamente espalhadas estas doutrinas, introduzindo-se em todos os lugares esta extrema licenciosidade de pensamento e de ação, não é para admirar que os homens de ínfima condição, cansados da pobreza de suas casas ou pequenas oficinas, tenham vontade de se elevarem até aos palácios e à fortuna dos ricos; não é para admirar que já não haja tranquilidade na vida pública e particular, e que o gênero humano esteja já chegado quase à borda do abismo".

A seguir trata da "igualdade", defende o matrimônio e a família contra o amor livre, define o direito de propriedade.

A encíclica *Libertas*, o maior monumento antiliberal, e cuja reedição e divulgação popular seriam agora de imensa utilidade para pôr ordem na anarquia mental em nosso meio católico e não católico, pulveriza todas as formas capciosas com que entrou no mundo o regime anárquico, criminoso, sanguinolento, gerador da peste, fome de guerra, de que padece estupidamente o universo atual. Ali estão, além da doutrina católica da liberdade, os inúmeros mitos que se enumeram: soberania popular, separação da Igreja e Estado, liberdade de cultos, liberdade de palavra, de imprensa e ensino, liberdade de consciência, tolerância… que sei eu?

Nem fica bem deixarmos esquecida a encíclica que suscitou no mundo um movimento intelectual capaz de formar gente apta para compreender e destruir, no que compete à inteligência, os graves males de

que enferma a sociedade contemporânea: a *Aeterni Patris* (04/08/1879), que determinou, mais aturadamente, o movimento pela restauração da Filosofia Escolástica, aumentando-a e aperfeiçoando-a.

***

Foi, conseguintemente, após esse prólogo sumariamente esflorado por mim, que apareceu a *Rerum Novarum*, aos 15 de maio de 1891.

Nela, o excelso Pontífice expõe a condição atual dos operários, provindo a questão social candente, da sede de inovações, do progresso das artes industriais e outras, mas especialmente da corrupção dos costumes:

"*É preciso, diz, acudir aos homens das classes inferiores, atendendo-se a que, pela maior parte, se acham numa situação infeliz e de imerecida miséria*".

Atribui isso à destruição das antigas CORPORAÇÕES DE OFÍCIOS, insubstituídas; aos patrões desumanos; à desenfreada concorrência, à agiotagem; ao monopólio do trabalho e dos gêneros por uma minoria escravizadora. Refuta o socialismo como prejudicial ao operário que pretende defender, e como injusto, pois o direito à propriedade particular é natural tanto para os indivíduos como para os grupos sociais. Defende a família como anterior ao Estado lógica e realmente, e possuindo inviolável o direito de propriedade e liberdade de testar. Depois, estabelece o verdadeiro remédio à questão:

"*A QUESTÃO QUE SE AGITA É DE NATUREZA TAL QUE SE NÃO HOUVER APELO A RELIGIÃO E A IGREJA, IMPOSSÍVEL SERÁ DESCOBRIR-LHE SOLUÇÃO EFICAZ*".

Auxiliando à Igreja na resolução, devem estar os governos, os ricos e os próprios operários. Mas cumpre salientar o primeiro princípio: que "*é impossível que na sociedade civil todos se elevem ao mesmo nível*".

Dos ricos e pobres, como "*na sociedade as duas classes são des-*

tinadas pela natureza a se unirem harmoniosamente e mutuamente se manterem num perfeito equilíbrio", há deveres mútuos que o Papa indica, lembrando sempre que o homem não foi feito somente para a terra.

***

Do uso da propriedade particular diz: "*O homem não deve ter as coisas exteriores como próprias, mas sim comuns, de tal sorte que facilmente a outros as comunique nas necessidades alheias* [...] *desde que suficientemente se concedeu à necessidade e ao decoro, é dever deitar o supérfluo no regaço dos pobres*". É dever de caridade, que não de justiça. Daí definir a doutrina nestes termos:

"*QUEM QUER QUE DA DIVINA BONDADE RECEBEU MOR ABUNDÂNCIA, OU DE BENS EXTERNOS E DO CORPO, OU DE BENS DA ALMA, RECEBEU-OS COM O FIM DE OS FAZER SERVIR PARA SEU PRÓPRIO APERFEIÇOAMENTO, E, AO MESMO TEMPO, COMO MINISTRO DA PROVIDÊNCIA, PARA ALIVIO DOS OUTROS*".

Tanto mais quanto "*a verdadeira dignidade do homem e sua excelência reside nos costumes, isto é, na sua VIRTUDE*". Assim sendo, a solução da questão social só poderá vir de uma renovação de almas. Com efeito, "*Os costumes cristãos, desde que íntegros se conservam, naturalmente exercem sobre a prosperidade temporal a sua parte de benéfica influência: porquanto conciliam as boas graças de Deus, princípio e origem de todos os bens; reprimem o excessivo desejo das riquezas e a sede das volúpias, dois flagelos que muitas vezes lançam a amargura e o desgosto até no seio da opulência; contentam-se enfim de uma vida de subsistência frugal e pela economia suprem a modicidade dos rendimentos, longe desses vícios que consomem não só as pequenas fortunas, mas também as maiores e dissipam os mais avultados patrimônios*".

Mas, além desses efeitos do espiritual, "*A Igreja, outrossim,*

ainda diretamente provê à felicidade das classes deserdadas, fundando e mantendo instituições que considera adequadas para lhes mitigar a penúria"; funda "*associações religiosas e uma multidão de outros úteis institutos, que sem alívio não deviam deixar quase nenhum gênero de miséria*".

***

Exigem-se, ainda, outras providências humanas, especialmente ao Estado. Citemos:

"*O QUE DOS GOVERNOS SE REQUER É UM CONCURSO DE ORDEM GERAL QUE CONSISTE NA ECONOMIA TODA INTEIRA DAS LEIS E DAS INSTITUIÇÕES; QUEREMOS DIZER QUE LHES CABE PROCEDER DE FORMA QUE DA PRÓPRIA ORGANIZAÇÃO E GOVERNO DA SOCIEDADE ESPONTANEAMENTE E SEM ESFORÇO DECORRAM A PROSPERIDADE PÚBLICA E A PARTICULAR*".

"*Tal é, na realidade, o ofício da prudência civil e o dever peculiar aos que governam. Ora o que faz prosperar as nações, são costumes puros, famílias constituídas sobre bases de ordem e moralidade, a prática da religião e o respeito da justiça, impostos moderados e repartidos com equidade, o progresso da indústria e do comércio, a agricultura florescente e outros elementos, se ainda os há, do mesmo gênero; coisas estas que, quando aperfeiçoadas, de outro tanto exalçam a vida e a felicidade dos cidadãos. De igual modo, pois, que por todos os meios pode o Estado tornar-se útil às diversas classes, grandemente lhe é também possível melhorar a condição da classe operária, e isto em todo o vigor do seu direito e sem receio da suspeita de importunidade, porque em virtude do seu ofício deve o Estado servir ao interesse comum. E quanto mais se multiplicarem as vantagens provenientes de tal ação de ordem geral, menos precisão haverá de recorrer a diversos trâmites para prover a salvação dos operários*".

E assim continua o insigne Papa-sociólogo expondo os meios de resolver a questão operária. Como, porém, a função da encíclica *Quadragesimo Anno* foi "*augere et perficere*" a *Rerum Novarum*, passamos a correr a oportuníssima Carta de Pio XI, digno continuador de Leão XIII, que Deus haja.

Capítulo 3
A Encíclica *Quadragesimo Anno*

"Os benefícios da Rerum Novarum; A doutrina social e económica; A economia, o socialismo e o comunismo; A Reforma dos Costumes".

Depois de mostrar como a *Rerum Novarum* segue outras encíclicas preparatórias, de que atrás há menção, o Santo Padre reinante fala da R. N, sua "situação", seu momento e efeitos. Da "*Quadragesimo Anno*" diz que visa 1) recordar os benefícios que, da R. N, advieram à Igreja e à humanidade, 2) definir, desenvolver, precisar a doutrina social e econômica de Leão XIII, 3) apontar a raiz do mal-estar da sociedade contemporânea, processando o regime econômico moderno e o socialismo, e mostrando o caminho de salvação: - A REFORMA CRISTÃ DOS COSTUMES (note-se bem que o Santo Padre não fala unicamente de reformar as leis, mas a vida).

3.1 Os benefícios da *Rerum Novaraum*

Pela *ação da Igreja*, os benefícios foram:

a) *doutrinariamente*, o nascimento da *ciência social católica*: daí os cursos, congressos ou semanas sociais, círculos, publicações, atingindo até os meios não católicos e determinando leis.

b) *praticamente*, elevação do espírito e do moral dos operários, melhor subsistência, obras de caridade e beneficência, associações de mútuo socorro, segundo a Igreja e ordinariamente sob o Clero.

Pela ação da autoridade civil, depois da R. N., "*os governos, capacitando-se mais da sua missão, se aplicaram a desenvolver uma POLÍTICA SOCIAL mais ativa*", pois segundo Leão XIII, o governo deve fazer o possível "*para que as leis e instituições sejam tais... que da própria organização do Estado dimane espontaneamente a prosperidade da nação e dos indivíduos*". E, diz Pio XI, "*Aos governantes compete defender toda a nação e os membros que a constituem, tendo sempre cuidado especial dos fracos e deserdados da fortuna ao proteger os direitos particulares*".

Pela *ação dos interessados*. Mostrando a R. N. o que podem os

operários na questão "*com as instituições destinadas a levar auxílio oportuno aos indigentes e a aproximar mais uma classe da outra*", - num tempo em que os Estados, liberais, e até católicos inadvertidos, eram contra as associações operárias, fundaram-se:

a) associações operárias, visando "*maior cópia possível, para cada um, de bens do corpo, do espírito e da fortuna*", tendo em vista, porém, "*como mais importante, A PERFEIÇÃO MORAL E RELIGIOSA, e que por ela se deve orientar todo regulamento destas sociedades*".

O clero e o laicato agiram na fundação dessas associações a fim de colaborar com as outras classes para a RESTAURAÇÃO DE TODA A VIDA SOCIAL (notem-se, as palavras que frisamos, para significar o totalitarismo, a integralidade das soluções pontifícias).

Quando só possíveis os *sindicatos mistos*, isto é, de católicos e não católicos, formam-se grupos com fins religiosos e morais, em contato com os sindicatos, para ressalvar a parte religioso-moral.

b) *Associações não-operárias*: 1) de agricultores (muitas); de industriais (poucas).

***

Colhe-se, de tudo isso, que "*o imortal documento não era apenas a expressão de um ideal magnífico, mas irrealizável*", e "*a encíclica de Leão XIII se demonstrou com a longa experiência do tempo a Magna Carta em que deve basear-se como em sólido fundamento toda a atividade cristã no campo social*", conclui nesse ponto o douto Pontífice reinante.

3.2 A doutrina social e econômica

Como haja dúvidas e exigências novas, compete a Sua Santidade

definir, desenvolver e precisar a doutrina econômica leonina.

Trata a Igreja da economia não como economia simplesmente, senão pelo que interessa à moral. Pois a LEI MORAL É TOTALISTA, isto é, abrange todos os domínios da atividade humana.

Daí o definir o **direito de propriedade** no seu duplo caráter individual e social, que foge assim ao individualismo como ao coletivismo.

Mas o direito de propriedade é distinto do seu uso e não se perde pelo mau uso. Regular isso, somente o podem outras virtudes que não a justiça.

Ao ESTADO COMPETE DEFINIR OS DEVERES DOS PROPRIETÁRIOS, deixando, porém, "*intactos o direito natural de propriedade e o que tem o proprietário de legar dos seus bens*", pois "*o homem é anterior ao Estado*" e "*a sociedade doméstica tem sobre a sociedade civil uma prioridade lógica é uma prioridade real*" (Leão XIII).

Aliás, quanto às rendas, "*as Sagradas Escrituras e os Santos Padres da Igreja intimam continuamente e com a maior clareza aos ricos O GRAVÍSSIMO DEVER DA ESMOLA E DE PRATICAR A BENEFICÊNCIA E A MAGNIFICÊNCIA*".

***

Quanto às relações de empregadores e empregados, já dizia Leão XIII que "*de nada vale o CAPITAL sem o TRABALHO, nem o trabalho sem o capital*".

É, por conseguinte, inteiramente falso atribuir ou só ao capital ou só ao trabalho o produto do concurso de ambos, e é injustíssimo que um deles, negando a eficácia do outro, se arrogue a si todos os frutos, como fez o capital, por muito tempo.

Nem podem os operários exigir para si todos os *lucros e rendimentos*, descontado apenas o que baste a amortizar e reconstituir o capital.

Qualquer *distribuição dos bens materiais* entre os homens é sempre imperfeita. É necessário que as riquezas, em contínuo incremento com o progresso da economia social, sejam repartidas pelos indivíduos ou pelas classes particulares de tal maneira, que se salve sempre a utilidade comum, de que falava Leão XIII, ou, por outras palavras, que em nada se prejudique o bem geral da sociedade. Esta lei de justiça social proíbe que uma classe seja pela outra excluída da participação dos lucros.

"*CADA UM DEVE, POIS, TER A SUA PARTE NOS BENS MATERIAIS; e deve procurar-se que a sua repartição seja pautada pelas normas do bem comum e da justiça social*".

Com efeito, "*Não há homem prudente, que não reconheça OS GRAVÍSSIMOS INCONVENIENTES DA ATUAL REPARTIÇÃO DA RIQUEZA*". Daí buscar o Papado a **Redenção dos Proletários** segundo as recomendações de Leão XIII, "*QUE NÃO SÓ PODEM, MAS DEVEM REALIZAR-SE*", diz Pio XI. Para o que "*é, pois, necessário, diz S.S., envidar energicamente todos os esforços, para que ao menos de futuro as riquezas granjeadas se acumulem em justa proporção nas mãos dos ricos, e com suficiente largueza se distribuam pelos operários*", que possam reservar um pecúlio, sem o que se não defenderá a ordem pública contra os maquinadores de revoluções.

Qual a razão desse perigo?

"*É verdade, diz S.S., que a condição proletária não se deve confundir com o pauperismo; contudo basta o fato de a multidão dos proletários ser imensa, enquanto as grandes fortunas se acumulam nas mãos de poucos ricos, para provar à evidência que AS RIQUEZAS PRODUZIDAS EM TANTA ABUNDÂNCIA NESTE NOSSO SÉCULO DE INDIVIDUALISMO, NÃO ESTÃO BEM DISTRIBUÍDAS PELAS DIVERSAS CLASSES DA SOCIEDADE*".

Qual o meio?

"*Há-os sobrenaturais (reforma cristã dos costumes) e naturais, em que tocamos pela flor anteriormente e aos quais volta-*

mos com o Papa".

***

Como promover a REDENÇÃO PROLEÁRIA? Através do *Justo Salário*, aquele que atenda a:

A) O sustento do operário e família, para que a mulher não seja obrigada a também trabalhar fora, descurando os cuidados domésticos e a educação dos filhos;

B) A situação da empresa: se é próspera ou não-próspera e, neste caso, se é por culpa ou não dos empresários a deficiência. Se, então, deve continuar a empresa. E, neste julgamento, é "*necessário, que reine e se sinta entre operários e patrões a união e concórdia cristã*";

C) As exigências do bem comum. A grandeza do salário deve ser proporcionada ao bem da economia pública. Todos os que têm vontade e forças devem encontrar trabalho. Nem demasiadamente pequenos, nem demasiadamente grandes.

"*É, portanto, contra a justiça social diminuir ou aumentar demasiadamente os salários em vista só das próprias conveniências e sem ter em conta o bem comum*". A boa proporção entre as várias categorias de salários em relação com a justa proporção entre os preços dos produtos agrícolas, industriais, etc…

Isso da repartição das riquezas e do salário toca especialmente ao indivíduo; quanto, porém, à **Ordem Social** acessoriamente atingida por aquelas medidas, Leão XIII a "*procurou restaurar pelos princípios da sã filosofia e aperfeiçoar pelos princípios sublimes da lei evangélica*".

***

Como restaurar a ORDEM SOCIAL? Para tal restauração são de absoluta necessidade duas coisas: A REFORMA DAS INSTITUIÇÕES E A EMENDA DOS COSTUMES", entendendo-se por

"instituições", sobretudo o Estado.

Aqui vemos que o Papa apregoa o ESTADO NOVO, anti-individualista, anti-liberal, anti-democrático; Estado Novo esse ainda comicamente repelido pelas mentalidades fósseis que, no Brasil por exemplo, desejam eternizar a estultícia liberal-democrática que nos há custado muitas dores, lágrimas, sangue, dinheiro, perdição eterna de almas, desmoralização em todos os campos, desinteligências nacionais, deseducação do povo, descatolicização das massas nacionais, atitudes dúbias em todas as classes, fazendo-nos uma Nação penhorada e anarquizada. Penhorada ao inferno, penhorada ao judeo-maçonismo e à finança judaica, penhorada à anarquia integral.

Sem embargo do optimismo republicano idiota de certos patrícios nossos, vale ainda aquela verificação da *Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro* em 1900, a qual, entre mais coisas, dizia:

"*Tão triste é o quadro dos nossos males presentes e tão mal assombrado é o futuro, que se nos levanta diante dos olhos, que reputamos insuficientes para impedir nossa ruína todas as diligências da indústria humana, por maiores que sejam os esforços, e por mais sinceros que sejam os desejos e diligências do Supremo Magistrado e dos ilustres cavalheiros que dirigem os destinos da Nação (Comentemos: o mal estava, como está, nas instituições no sentido largo, no liberalismo), se do céu não vier um remédio extraordinário. Fugiu a confiança da sociedade, extinguiu-se o respeito à autoridade em si, dissolve-se a harmonia nas famílias, multiplicam-se com pavorosa frequência homicídios, roubos, sacrilégios e outros crimes nefandos, de que anteriormente havia apenas notícia: o interesse material, e às vezes sórdido, parece ser o móvel único dos atos públicos e particulares, sem se fazer caso nenhum da justiça, do dever, da consciência, nem de Deus, sintoma manifesto de dissolução social; porque, faltando a religião, segue-se a destruição do povo – Cum prophetia defuerit, dissipabitur populus (Prov. 29-18)*".

"*A estes males fazem companhia outros não menos sensí-*

veis: enormes e frequentes prejuízos pela má-fé de uns e inépcia de outros, que precipitam na miséria famílias inteiras, deixando sem pão e sem abrigo pobres viúvas, velhos, inválidos, inocentes órfãos; epidemias desoladoras a invadir regiões anteriormente preservadas, a baixa e quase extinção do crédito nacional, a alta e exageração de preços do que se consome, sem se aumentarem os meios de honestos lucros, vendo-se o povo obrigado a comprar pelo triplo e quádruplo do preço anterior objetos de necessidade para o sustento e decência da vida. [...] *Se a este quadro carregado de misérias fisicas e morais ajuntarmos as lutas de sangue, que se hão multiplicado entre irmãos, as sedições frequentes, as revoluções reiteradas, ora em um ponto, ora em outro, deste país, antes pacífico e tranquilo, havemos de concluir, que a mão de Deus nos flagela, e que se não cuidarmos seriamente de aplacar sua justa indignação, teremos a sorte que tiveram sempre os povos prevaricadores, desaparecendo do mapa das nações independentes e autônomas – Gens et regnum, quod non servierit tibi, peribit (Is. 60 - 12)*".

Dêmos tento às palavras mesmas do Papa:

"*Ao falarmos na reforma das instituições temos em vista sobretudo o Estado; não porque dele deva esperar-se todo o remédio, mas porque o vício do já referido "individualismo" levou as coisas a tal extremo, que enfraquecida e quase extinta aquela vida social outrora rica e harmonicamente manifestada em diversos gêneros de agremiações, quase só restam os indivíduos e o Estado. ESTA DEFORMAÇÃO DO REGIME SOCIAL NÃO DEIXA DE PREJUDICAR O PRÓPRIO ESTADO, SOBRE O QUAL RECAEM TODOS OS SERVIÇOS DAS AGREMIAÇÕES SUPRIMIDAS E QUE VERGA AO PESO DE NEGÓCIOS E ENCARGOS QUASE INFINITOS*".

Já sabemos que as "agremiações suprimidas" são as antigas CORPORAÇÕES DE OFICIOS da era pré-liberal.

Fala, depois, contra a hipertrofia do Estado individualista, preconizando o regime orgânico, onde a ordem hierárquica facilita a função estadual, aumentando a força da autoridade. Senão, vejamos:

"*Verdade é, e a história o demonstra abundantemente, que, devido à mudança de condições, só as grandes sociedades podem hoje levar a efeito o que antes podiam até mesmo as pequenas; permanece, contudo, imutável aquele solene princípio da filosofia social: assim como é injusto subtrair aos indivíduos o que eles podem efetuar com a própria iniciativa e indústria, para o confiar à coletividade, do mesmo modo passar para uma sociedade maior e mais elevada o que sociedades inferiores podem conseguir, é uma injustiça, um grave dano e perturbação da boa ordem social. O fim natural da sociedade e da sua ação é coadjuvar os seus membros, não destruí-los nem absorvê-los*".

"*Deixe, pois, a autoridade pública ao cuidado de associações inferiores aqueles negócios de menor importância, que a absorveriam demasiado; poderá, então, desempenhar mais livre, enérgica e eficazmente o que só a ela compete, porque só ela o pode fazer: dirigir, vigiar, urgir e reprimir, conforme os casos e a necessidade requeiram. Persuadam-se todos os que governam: QUANTO MAIS PERFEITA ORDEM JERÁRQUICA REINAR ENTRE AS VÁRIAS AGREMIAÇÕES (grifo nosso), segundo este princípio da função "supletiva" dos poderes públicos, TANTO MAIOR INFLUÊNCIA E AUTORIDADE TERÃO ESTES, TANTO MAIS FELIZ E LISONJEIRO SERA O ESTADO, DA NAÇÃO (grifo nosso)*".

Se isso que aí vai dito não é preconizar abertamente o regime orgânico-corporativo, não sabemos mais o valor das palavras.

***

Quais os meios de atingir-se a esperada REFORMA DAS INSTITUIÇÕES?

Na POLÍTICA SOCIAL, reconstituir as classes profissionais, funcionalmente, extinguindo também a inumana lei da oferta e procura; porque "*Assim como as relações de vizinhança dão origem aos municípios, assim os que exercem a mesma profissão ou arte são pela própria*

natureza impelidos a formar colégios ou corporações, isto é, "organismos bem constituídos, ordens ou profissões, que agrupem os indivíduos, não segundo a sua categoria no mercado do trabalho, mas segundo as funções sociais que desempenham", corporações em que "estão em primeiro lugar os interesses comuns à profissão; entre os quais o mais importante é vigiar por que a atividade coletiva se oriente para o bem comum de toda sociedade. As questões que se refiram aos interesses particulares dos patrões ou operários poder-se-ão tratar e resolver separadamente".

O *modo de organização* é indiferente, contanto que se atenda às exigências da justiça e do bem comum.

Na ECONOMIA, substituir o princípio da livre concorrência, geradora da prepotência econômica, pelos princípios de JUSTIÇA E CARIDADE SOCIAIS, e COOPERAÇÃO ECONÔMICA INTERNACIONAL (por meio de tratados e instituições adequadas), por isto que as nações "*tanto dependem umas das outras e se completam*".

Realmente: "*Como não pode a unidade social basear-se na luta de classes, assim a reta ordem da economia não pode nascer da livre concorrência de forças", a qual, "ainda que dentro de certos limites é justa e vantajosa, não pode de modo nenhum servir de norma reguladora à vida econômica*".

E aqui manifesta também S. S., na sede cristã de totalitarismo, de integralidade, a vontade de que a justiça social entre em toda a vida, inclusive a vida jurídico-social do Estado. Eis as suas palavras:

"*É PRECISO QUE ESTA JUSTIÇA PENETRE COMPLETAMENTE AS INSTITUIÇÕES DOS POVOS E TODA A VIDA DA SOCIEDADE; É SOBRETUDO PRECISO QUE ESSE ESPÍRITO DE JUSTIÇA MANIFESTE A SUA EFICÁCIA CONSTITUINDO UMA ORDEM JURÍDICA E SOCIAL QUE INFORME TODA A ECONOMIA, E CUJA ALMA SEJA A CARIDADE*"

"*Se deste modo se restaurarem os membros do corpo social e se reestabelecer o princípio regulador da economia, poder-se-lhe-á aplicar*

de alguma forma o que o Apóstolo dizia do corpo místico de Cristo: – todo o corpo organizado e unido pelas articulações de um mútuo obséquio, segundo a medida de atividade de cada membro, cresce e se desenvolve na caridade".

Efetivamente, quando decaiu e caiu o regime cristão integral (e bastava dizer cristão, se as palavras como as verdades não andassem atualmente diminuídas!), quando decaiu o regime cristão no mundo?

Quando deixaram de ser cristãos a vida e os costumes. Então foi que se iniciou a era individualista, a era liberal-democrática, inventada e propagada pelo judeo-maçonismo político.

Referindo-se ao *regimen mixto* ou politia de Santo Tomás, ao qual batizamos pelo nome de **MONARQUIA TRADICIONAL**, tem estas palavras mui verdadeiras Marcelo Demongeot: "*Se, portanto, Santo Tomás pôde achar naquela época, na sua época, alguma contribuição à teoria do regimen mixto, foi menos nos teólogos, seus mestres, que nas instituições e mormente nos grandes princípios mais ou menos difundidos que constituíam o direito público daquele tempo (grifo nosso). Máxime pelo que diz do espírito, como dissemos do regimen mixto, parece que nenhuma época o realizou tão perfeitamente. Lembrando principalmente o que dissemos das afinidades da concepção do regimen mixto com o espírito do Cristianismo, não se ficará surpreendido de ser santo o rei que melhor o encarnou. São Luís, com efeito, mais que nenhum rei, soube realizar aquela perfeita ponderação dos poderes, aquela colaboração e unidade que constituem o regimen mixto. Antes dele, talvez tenha havido tanta liberdade, mas sem prejuízo da unidade e autoridade. Após ele, talvez mais unidade e autoridade, mas em detrimento da liberdade. Como é o regimen mixto o regime-modelo para Sto. Tomás, São Luís fica sendo para nós o rei-modelo. Seria por mera coincidência que foi Sto. Tomás comensal de São Luís?*" ("*Le meilleur régime politique selon saint Thomas*", André Blot, Éditeur. Paris, 1928).

Por onde, atendendo a isso, acrescenta Pio XI nesta magnífica

encíclica, na qual, queiram ou não, têm de aprender a ciência da salvação social-política do mundo os católicos e os gentios das seitas:

"*Nós cremos que para conseguir estoutro intento nobilíssimo (uma Ordem Social melhor), com benefício geral verdadeiro e duradouro, É NECESSÁRIA ANTES DE TUDO E SOBRETUDO A BENÇÃO DE DEUS E DEPOIS A COLABORAÇÃO DE TODAS AS BOAS-VONTADES*" e, consequentemente, pelas competências técnicas, profissionais e sociais; todavia com a condição do "*primeiro e mais necessário remédio, que é A REFORMA DOS COSTUMES*".

3.3 A economia, o socialismo e o comunismo

De Leão XIII para cá, a ECONOMIA e o SOCIALISMO sofreram grandes transformações.

Na ECONOMIA, A concorrência desenfreada dos nossos tempos deu o despotismo econômico ("*intolerável naqueles que, tendo nas mãos o dinheiro, são também senhores absolutos do crédito e por isso dispõem do sangue de que vive toda a economia, e manipulam de tal maneira a alma da mesma, que não pode respirar sem a sua licença*").

Isso gera três espécies de *lutas de predomínio* (hegemonias, digamos, por ser um fato econômico-político bem conhecido entre os ditos "estados" do Brasil…):

A) luta por alcançar o predomínio econômico:

B) pelo predomínio do governo nacional, para fim econômico;

C) dos grandes Estados entre si, para as *vantagens econômicas dos seus cidadãos*.

Por onde, "*toda a economia se tornou horrendamente dura, cruel, atroz*". Daí também, "*o aviltamento da majestade do Estado, a qual do trono onde, livre de partidarismos e atenta só ao bem comum e à justiça, se sentava como rainha e árbitra suprema dos negócios pú-*

blicos , se vê feita escrava, entregue e acorrentada ao capricho de paixões desenfreadas".

No campo internacional, derivadas ainda do "*espírito individualista no campo econômico*", duas pragas advieram: – O Nacionalismo ou *Imperialismo econômico*, – o Internacionalismo ou *Imperialismo internacional bancário*, "*não menos funesto e execrável, cuja pátria é o interesse*".

São remédios contra:

A) Considerar o DUPLO CARÁTER INDIVIDUAL E SOCIAL do capital e do trabalho;

B) Submeter ao Estado (cujas instituições se adaptarão ao bem comum e às regras de justiça), SUBMETER AO ESTADO (no que lhe compete) a "livre concorrência" e o "predomínio econômico".

***

No SOCIALISMO, este pode ser:

A) Partido da violência ou comunismo que visa a guerra de classes ou a destruição da propriedade particular. Neste passo, mostra Pio XI como a Igreja não atenta primeiro para a parte negativa (o que aliás estamos tentando pôr a claro na exposição positiva das providências naturais e sobrenaturais do Papado), senão para a parte positiva, construtiva:

"*DIGNA DE CENSURA É A INÉRCIA DAQUELES, QUE NÃO TRATAM DE MUDAR UM ESTADO DE COISAS, QUE, EXASPERANDO OS ÂNIMOS, ABRE CAMINHO À SUBVERSÃO E RUÍNA COMPLETA DA SOCIEDADE*"

B) *Socialismo* propriamente dito ou mitigado. Este, ou segue as doutrinas cristãs quanto às classes e à propriedade, e "não tem razão para declarar-se socialista". Ou não, e então é deveras socialismo, e anticristão.

Pois os socialistas em geral mitigam, mas não renegam a luta

de classes e a abolição da propriedade. Por cuja causa, "*Quem quer ser apóstolo entre os socialistas, É PRECISO QUE PROFESSE FRANCA E LEALMENTE TODA A VERDADE CRISTÃ, e que de nenhum modo feche os olhos ao erro*". Ademais, tem o socialismo "*natureza essencialmente anticristã*". Por onde, diz o Papa: "*O socialismo, quer se considere como doutrina, quer como fato histórico, ou como ação, se é verdadeiro socialismo, mesmo depois de se aproximar da verdade e da justiça nos pontos sobreditos, não pode conciliar-se com a doutrina católica; pois CONCEBE A SOCIEDADE DE MODO COMPLETAMENTE AVESSO À VERDADE CRISTÃ*".

Pelo que "*Socialismo religioso, socialismo católico são termos contraditórios: NINGUÉM PODE SER AO MESMO TEMPO BOM CATÓLICO E VERDADEIRO SOCIALISTA*". Também é gravíssimo o socialismo no seu aspecto pedagógico, vindo do liberalismo e levando ao bolchevismo. Porque "*O socialismo, ignorando por completo ou desprezando este fim sublime dos indivíduos (a beatitude celeste) e da sociedade, opina que o consórcio humano foi instituído só pela vantagem material que oferece*".

***

Nesta altura, chamando ao seio da Igreja os católicos tresmalhados no campo socialista, queixa-se o Vigário de Jesus dos católicos nominais que não só não cumprem a lei da justiça social, senão a da caridade.

"*É muito para lamentar, veneráveis Irmãos, que houvesse um tempo e haja ainda quem, dizendo-se católico, mal se lembra da sublime lei da justiça, e caridade, que nos obriga não somente a dar a cada um o que lhe pertence, mas também a socorrer os pobres, nossos irmãos, como ao próprio Jesus Cristo; quem não teme oprimir os operários por cobiça de sórdido lucro e, o que é mais grave, quem abusa da mesma religião para paliar as suas iníquas extorsões e defender-se*

contra as justíssimas reclamações dos operários".

Lastima-se do mal que à Igreja fazem esses falsos e criminosos católicos, dizendo:

"*Por Nossa parte não deixaremos nunca de censurar severamente um tal proceder; são eles os culpados de a Igreja se ver injustamente (mas com certa aparência de verdade) acusada de patrocinar a causa dos ricos, e não se compadecer das necessidades e angústias dos pobres, defraudados da sua parte de bem-estar nesta vida. Aparências infundadas e acusações caluniosas, como demonstra toda a história da Igreja. Bastava a encíclica, cujo quadragésimo aniversário celebramos, para provar exuberantemente, que, só com a maior das injustiças, se podem assacar à Igreja tais calúnias e contumélias*".

Não obstante todas as reformas, todas essas providências nada farão, se se não fizer a reforma dos costumes. Vamos a ela.

3.4 A Reforma dos Costumes

Só da "*prévia e completa renovação do espírito cristão*" pode vir a restauração social. "*Portanto, para usar das palavras de Nosso Predecessor, – diz Pio XI – SE PODE CURAR-SE A SOCIEDADE HUMANA, SÓ O SERÁ VOLTANDO À VIDA E INSTITUIÇÕES CRISTÃS*".

Há muitos católicos (e dos melhores!) que têm medo da volta, ou melhor vergonha da volta, por uma deformação evolucionista e anticatólica de mentalidade, pensando eles, com os "spencerianos", que "*o mundo sempre vai melhorando em tudo com o passar do tempo*"… Não consideram que a verdade será sempre a verdade ainda que tivesse sido Adão o único a tê-la conhecido, e embora atualmente venha a ser conhecida por um único homem no meio da multidão ignorante dos "progressistas" e ditos "emancipados".

"*Só as instituições cristãs, diz Sua Santidade, podem dar remédio eficaz à demasiada solicitude das coisas caducas, origem de todos os vícios; só estas podem fazer, que os homens, fascinados pelos bens deste mundo transitório, desviem deles os olhos e os levantem ao céu. Quem dirá, que este remédio não é hoje, mais que nunca, necessário à família humana?*".

"*Todos se preocupam quase unicamente com as revoluções, calamidades e ruínas temporais. Mas, se vemos as coisas à luz da fé, que é tudo isto em comparação das ruínas das almas? Bem pode dizer-se, que TAIS SÃO HOJE AS CONDIÇÕES DA VIDA SOCIAL E ECONÔMICA, QUE SE TORNA MUITO DIFÍCIL A UMA GRANDE MULTIDÃO DE HOMENS GANHAREM O ÚNICO NECESSÁRIO, A SALVAÇÃO ETERNA*". São palavras aflitas do Chefe da Cristandade. Mas os ditos católicos modernos, nós, nós mesmos, especialmente a grande suicida burguesia, estamos por tal maneira desprovidos de sensibilidade cristã, de senso cristão do valor do sobrenatural, que pensamos que tudo isso é retórica.

Capitalismo anti-cristão, anti-nacional dentro de todas as nações, escravo da anti-Nação e anti-Nação ele mesmo, – o capitalismo perverso, ladrão e usurário, injusto e assassino, cuja pátria única é o interesse, na expressão do Papa, continua e continuará a viver nos volutabros da sua infâmia.

Continuará sendo tortura de um grupinho de apóstolos, idealistas, "malucos" na linguagem do século, o esforço por salvar a civilização, salvar essa burguesia a quem é supremo incômodo o pregão das "obras de misericórdia", sendo-lhe já importunidade o lembrar a justiça que não foi cumprida.

E os que têm aferram-se ao seu deus – o dinheiro, que bem deveria ser-lhes arrancado pelas mãos sanguinárias do Átila moderno, o bolchevismo, flagelo de Deus para uma humanidade que traiu a Igreja de Deus, traiu o Evangelho, traiu a civilização cristã.

E a ruína das almas!

"*Pois que aproveita, diz Pio XI, que aproveita aos homens poderem mais facilmente lucrar o mundo inteiro com uma distribuição e uso mais racional das riquezas, se com isso mesmo vêm a perder a alma? Que aproveita ensinar-lhes os princípios da boa economia, se com avareza sórdida e desenfreada se deixam arrebatar de tal maneira do amor dos próprios bens, que, ouvindo os mandamentos do Senhor, fazem tudo ao contrário?*". Causa desse mal é a desordem das paixões, proveniente do pecado original. E, em virtude delas, o homem se entrega ao amor dos bens caducos unicamente. A paixão do lucro caleja as consciências e os homens querem enriquecer sem escrúpulo algum. As instituições jurídicas de colaboração de capitais (penso que S. S. trata das sociedades anônimas) são fábricas de injustiças e fraudes. Igualmente o comércio, desonesto.

Por tudo isso, "*Somente uma rígida disciplina (textual agora), somente uma rígida disciplina dos costumes, energicamente apoiada pela autoridade pública, poderia ter afastado ou mesmo prevenido tão graves inconvenientes, mas infelizmente essa faltou. Quando começou a aparecer o novo regime econômico, tinha o racionalismo penetrado e lançado raízes em muitas inteligências; por isso a ciência econômica, que então se formou prescindindo da lei moral, soltava as rédeas às paixões humanas*".

Desviados do bom caminho, os dirigentes da economia arrastaram após si os operários, meros instrumentos dos seus ganhos; geraram-se daí os maus costumes, aos quais ficaram expostos sobretudo, os jovens, de ambos os sexos, nas oficinas; criaram-se obstáculos à vida familiar.

"*Deste modo, diz a encíclica, o trabalho corporal, ordenado pela divina Providência, depois da culpa de origem, para remédio do corpo e da alma, converte-se frequentemente em instrumento de perversão; da oficina só a matéria sai enobrecida, os homens ao contrário corrompem-se e aviltam-se*".

A esses males deve opor-se a lei da JUSTIÇA E CARIDADE, "*a*

profissão franca e sincera da lei evangélica", sem o que não haverá saída.

Força é dirigir a economia (que é simplesmente um meio) para o seu fim: "*QUE TUDO SE ENCAMINHE PARA DEUS, FIM PRIMÁRIO E SUPREMO DE TODA A ATIVIDADE CRIADA, E QUE TODOS OS BENS CRIADOS POR DEUS SE CONSIDEREM COMO INSTRUMENTOS DOS QUAIS O HOMEM DEVE USAR TANTO, QUANTO LHE SIRVAM A CONSEGUIR O ÚLTIMO FIM; seguir (atente-se para uma coisa que toda gente fala mas ninguém medita nem cumpre), seguir "a poderosa lei da moderação cristã, que manda ao homem BUSCAR PRIMEIRO O REINO DE DEUS E A SUA JUSTIÇA, SEGURO DE QUE TAMBÉM NA MEDIDA DO NECESSÁRIO A LIBERALIDADE DIVINA, FIEL AS PROMESSAS, LHE DARA POR ACRÉSCIMO OS BENS TEMPORAIS*".

Mas não basta a justiça. É também necessária a caridade, embora (frisamos bem isto) "*não possa a caridade substituir a justiça, quando o devido se nega iniquamente*", crime este comuníssimo no Brasil e que bem está lembrando o chiste adequado, dirigido por alguém a um usurário fundador de um asilo: que não era muito fundasse um asilo de pobres quem, com as suas usuras e injustiças, fizera tantos miseráveis. Crime dos que, no meu catecismo de criança, se dizia – *bradam aos Céus pedindo castigo*.

É também necessária a caridade, repito; porquanto, "*a justiça, bem que praticada com todo o rigor, se pode extirpar as raízes das lutas sociais, não poderá nunca sozinha congraçar os ânimos e unir os corações. Ora, todas as instituições criadas para consolidar a paz e promover a colaboração social, por mais perfeitas que pareçam, têm o fundamento da sua estabilidade principalmente no vínculo que une as almas; se este falta, tornam-se ineficazes os melhores estatutos, como tantas vezes a experiência no-lo ensinou. Por isso só haverá uma verdadeira cooperação para o bem comum, quando as diversas partes da sociedade SENTIREM INTIMAMENTE, QUE SÃO MEMBROS DE UMA*

SÓ E GRANDE FAMÍLIA, FILHOS DO MESMO PAI. CELESTE, ANTES UM SÓ CORPO EM CRISTO E "MEMBROS UNS DOS OUTROS", DE MODO QUE "SE UM MEMBRO SOFRE, TODOS OS MEMBROS SOFREM COM ELE".

"*É desta nova difusão do espírito evangélico no mundo, do espírito de moderação cristã e de caridade universal, que há de brotar, como esperamos, aquela tão desejada e completa restauração da sociedade humana em Cristo, e aquela "Paz de Cristo no Reino de Cristo", a que desde o início do nosso Pontificado, firmemente propusemos consagrar todo o nosso cuidado e solicitude pastoral*".

***

Nesta altura, o Santo Padre exorta a trabalharem nesse sentido os bispos, sacerdotes e leigos, pois (diz) "*A vida do cristão e uma milícia; mas assinalar-se em empresas difíceis é próprio dos que, como bons soldados, mais de perto seguem a Cristo*". Rejubila-se com os trabalhos já levados a efeito no campo operário, já por operários mesmo, já por outras pessoas zelosas.

Chama a postos os "soldados auxiliares da Igreja", dizendo que "*Os primeiros e imediatos apóstolos dos operários devem ser operários; os apóstolos dos artistas e comerciantes devem sair dentre eles*".

Chama a postos os sacerdotes que se preparem estudos sobre as questões sociais, como "*levitas que formam a esperança da Igreja*", forrados de um apurado espírito de justiça, prudência, discrição e, acima de tudo, caridade cristã. Que esses escolhidos formem os seus soldados na educação cristã, fundando associações e círculos católicos; promovam retiros espirituais, que formarão apóstolos do REINO DE CRISTO, salvando a família e a sociedade.

E que haja união, muita união, como há entre os inimigos da Igreja, ao lutarem contra ela. "*E todos, seguindo as diretivas e ensinamentos da Igreja, se esforcem por contribuir na medida do seu engenho, forças*

e condição, para aquela renovação cristã da sociedade, que Leão XI II inaugurou com a imortal encíclica Rerum Novarum: não se procurando a si mesmos nem os seus próprios interesses, mas os de Jesus Cristo; não teimando em fazer triunfar as suas ideias, por boas que sejam, mas dispostos a sacrificá-las ao bem comum; para que em tudo e sobre tudo reine e impere Cristo, a quem seja honra, glória e poder por todos os séculos".

***

Terminando o nosso longo passeio pelas encíclicas papais, já a ninguém estará dúvida de como A DOUTRINA SOCIAL CATÓLICA ABRANGE ENSINAMENTOS POSITIVOS E ORGÂNICOS SOBRE OS REMÉDIOS NATURAIS E SOBRENATURAIS AOS ABUSOS DA PROPRIEDADE PARTICULAR – chegando mesmo a, na esfera natural político-social, predicar, na reforma das instituições, o ESTADO ORGÂNICO-CORPORATIVO CRISTÃO, contra o liberal-democrático.

Claras lhe são as palavras, e o texto vai citado, não admitindo interpretações capciosas ou diminuídas.

A nós, resta-nos seguirmos os Papas, combatendo o individualismo sob todos os aspectos em que se apresenta no mundo moderno: na religião e moral obedecendo em tudo à Autoridade Papal, a que, com os leigos, estão sujeitos também os cardiais, bispos e sacerdotes; na filosofia, procurando compreender e seguir a cristã, que é a neoescolástica; na política, abominando e combatendo o regime judeo-maçônico da democracia liberal, criminoso, divisor de almas, sanguinário (e dando preferência ao sugerido pelo Papa: o regime cristão orgânico-corporativo); na família, afirmando a unidade e sacralidade do lar pelo respeito ao pátrio poder, com liberdade de testar e com a instituição do vínculo; na economia, pela volta, trabalhosa mas imprescindível, ao regime cristão.

E, em tudo afinal, diligenciando as providências exaradas por

miúdo nas encíclicas, para a recristianizarão da vida do trabalho, para a recristianização de proletários e capitalistas, estes talvez muito mais duros de converter, porque a riqueza endurece o coração, transtorna o entendimento e amolece a vontade.

E teremos agido de acordo com o entendimento, sendo verdade, como é, que a volição segue a intelecção.

Capítulo 4
Elogio do Papa

"No naufrágio de tudo, há uma só autoridade indiscutível na terra – a do Papa! Pio XI chama-se ele agora".

Sem cair em lugar-comum, pode-se com toda a verdade dizer que nunca, como hoje em dia, esteve tão acesa no mundo a luta do bem contra o mal.

A humanidade perdeu o seu centro de gravitação, perambula fora da órbita, depois da grande crise que se deu na Renascença que o foi, a bem-dizer, do paganismo, derivando após, logicamente, para o campo da larga anarquia protestante, geradora das mais disparatadas aberrações do espírito humano. Anarquizou a consciência, anarquizou a política, engendrou Rousseau e Jurieu, deu a revolução francesa, aliada com a maçonaria; "democratizou" (no mau sentido) o mundo todo, instalou o regime liberalista por toda a terra, chamando-se deísmo, agnosticismo, modernismo e muitos outros nomes.

E, enquanto todos esses erros se espalhavam pela face do orbe, a voz dos Papas fazia-se ouvir por toda parte, nas encíclicas, nas cartas, nas exortações, nos avisos, nas ordens, e dois grandes concílios chegaram a reunir-se em meio de grandes tribulações, sendo que não chegou a terminar-se o do Vaticano.

Seviciavam aos católicos os príncipes aderentes dos novos credos, ou, antes, "*non-credos*" que surgiam, e enxamearam governos ladrões, os quais viam, na revolta contra a Igreja eterna, um ótimo negócio para si e para a implantação da tirania, instaurando-se, então, ao contrário das de antes, as tais monarquias realmente "absolutas" do direito divino … protestante.

Em 1542, convocava o papa Paulo II o Concílio de Trento que se pôde reunir no meio de grande oposição de príncipes protestantes. Imenso o bem produzido por esse concílio à cristandade fiel, a despeito da resistência dos hereges que se não quiseram reduzir à verdade.

Surgiram, por esse tempo, dois insignes batalhadores, que, ainda hoje, são luz do mundo, e que brilharão até o fim dos séculos: as ordens dos jesuítas e dos capuchinhos. E, como essas, outras beneméritas ordens. Também entrava a florescer a América, que haveria de ser viveiro de fé católica, para contrabalançar a horrenda apostasia de magna

parte da Europa.

Mas era violentamente hostilizada a Santa Sé. E a rocha de Pedro não se abalava.

***

Através de lutas, esforços espirituais da Igreja, negações dos inimigos, erros mil filosóficos, chega o carro do tempo à revolução francesa, consequência política da "reforma" e logo se penetra no século XIX, o grande século apóstata em que toda verdade foi atacada, em que triunfou aparentemente o liberalismo com todos os seus resultados. Século do mal! Era bem digno de possuir o dia da prisão do Papa no Vaticano.

Nele, porém, reinando o insigne papa Pio IX, realizou-se o inacabado concílio do Vaticano que as circunstâncias da época impediram tivesse plena duração. Definiu, contudo, o dogma da infalibilidade papal.

Fazia mister existisse um Pio IX para se definir a infalibilidade no meio da anarquia então reinante.

Os governos da época procederam contra a Igreja como se podia esperar de filhos do liberalismo, escravos do judaísmo: desleal, violenta e covardemente. Napoleão III, apoiado no "princípio" da não-intervenção, permitiu que Roma fosse, contra a justiça, tomada por aventureiros.

Não desanimou, no entanto, o Papa destemido do *Syllabus*; pois, como diz Tristão de Ataíde, "*a luta é a paz da Igreja de Cristo como é a paz de todo cristão*". Não tendo poder coactivo para resistir à força, inaugurou o protesto que veio sendo observado pelos Papas, até os nossos dias.

***

Passados mais três Papas, temos hoje o excelso Vigário de Jesus Cristo, Pio XI, o papa alpinista, o papa bibliotecário, o papa amigo da

natureza e do livro, o intrépido Papa da "Fé intrépida".

É o herdeiro das glórias e das dores de todos os Pedros que hão sucedido na cadeira de Roma.

Se sofreram muito os seus antecessores, não menos cuidados tomam o atual Pontífice. Enorme o prestígio do Papado na terra, tanto nas fileiras católicas como nas indiferentes. É o Papa que aboliu o cativeiro. Manso e altivo. Bom e enérgico. Bondoso para conciliar, firme para exigir o direito. O Papa providencial: é ele, Pio XI.

Sob ele, passadas as tempestades, preparadas as glórias da Igreja de Deus pelo esforço, e padecimento dos anteriores sumos Pontífices, "*hoje, diz Tristão de Ataíde, hoje, quando o século XX começa a entrar em sua plena mocidade, a posição da Igreja é uma posição de vanguarda, com todos os seus riscos e todas as suas glórias. E por isso é que ela vive, não mais uma vida de favor ou de reclusão, e sim uma vida de luta, de triunfos e de reveses*".

E o mesmo autor acentua a parte de Pio XI nessa situação da Igreja: – "*Desejo apenas acentuar esse caráter de vitalidade, de risco, de coragem, de atitudes francas e decisivas, de intervenção em todos os problemas modernos de atualidade premente, que Pio XI tem sabido imprimir à cátedra de S. Pedro*".

É esse o Papa, é esse o S. Pedro de agora! É ele quem prepara os magníficos sucessos do Reino de Deus, que pressentimos aproximados.

***

Estamos, ainda, apesar de tudo, na hora da provação. Do caos saiu a luz pelo *fiat* divino. De fato, está arruinada a humanidade. Nela, atualmente, o material tende a asfixiar o espiritual, o natural a antepor-se ao sobrenatural, o efêmero ao eterno. Surgem por toda parte as últimas consequências do livre-exame que acabou pelo esfacelamento da liberdade em nome dos direitos do homem e pela ruína da autoridade em nome da liberdade.

Povos ou minorias desorientadas ergueram-se contra os seus reis e instalaram a desordem ateia ou agnóstica (sistema burguês de ser ateu!) nas nações; formaram-se partidos que fingem governar as pátrias mas revezam-se nas ganâncias partidárias "contra" o bem comum; esfrangalhou-se até a autoridade incontestável dos pais, e a bondosa e amigável autoridade dos maridos. Secularizou-se tudo: desde o nascimento até a sepultura do cristão.

Só negações! Negações! Somente negações!

A última consequência político-social: o bolchevismo negativista, absurdamente igualitário na teoria, mas criador de fato das mais trágicas desigualdades injustas, como se vê na Rússia soviética.

Era o que prognosticava Leão XIII.

***

No naufrágio de tudo, há uma só autoridade indiscutível na terra: a do Papa!

Pio XI chama-se ele agora.

Representa a doutrina da verdadeira ordem, da verdadeira paz, do verdadeiro progresso primeiro espiritual, depois temporal, de que aquele é garantia. Não a ordem fictícia, a ordem estúpida e precária da força bruta, da mecânica, da ameaça permanente.

É o Papa da PAZ DE CRISTO NO REINO DE CRISTO!

É o Papa precursor, pelos seus atos, da próxima UNIDADE de todos os Cristãos, quando há de haver "*Um só rebanho e um só Pastor*".

Viva o Papa! Viva Pio XI!

Capítulo 5
Elogio do Cardial Arcoverde

"Herdeiro dum sangue que tantos homens ilustres tem dado ao Brasil, acrescentou mais, como verdadeiro príncipe a quem o passado obriga a ser nobre e o futuro pedirá contas que já deve ir pagando pelos atos do presente, acrescentou mais aos brasões de sua Casa".

Preciso não era que viéssemos dizer os louvores da preclara figura católica e brasileira que placidamente entregou a alma ao Senhor que tão nobre lhe dera. Já andaram soberbas por aí, em publicações e oratórias, as palavras que lhe celebraram as eminentes qualidades assim de prelado como de homem.

Que mais diríamos, quando tanta coisa vai dita, e com tamanha propriedade, antes de nós?

Mas é conveniente que também digamos alguma coisa, se não para acrescentar o elogio que não é necessário, ao menos para que o exemplo seja apanhado.

Costumamos todos citar exemplos de valor, modelos dignos de imitação somente nos varões ínclitos do passado, porque tem isto a nossa fraqueza: que só vê exemplares conspícuos no passado e, mui de costume, no passado longínquo, timbrando ainda a xenofilia do nosso meio em citar unicamente, ou quase unicamente por ignorância ou esnobismo, tipos afamados de terras estranhas e estranhas raças e línguas, porque mais se sabe, no Brasil, História Universal ou história da França do que História do Brasil.

***

Ora, entre os exemplos que no Brasil se poderiam invocar como padrões de catolicidade e brasilidade está o falecido primeiro Cardial da América Latina, Arcoverde, o nosso eminentíssimo Cardial, a quem o adjetivo assentou bem não só pela dignidade do cargo, senão também pelo mérito subjetivo.

Eminente pela inteligência, eminente pelo caráter, eminente pela ciência, eminente pela sabedoria da vida, eminente pela nobreza, e, se cabe que se dê o título de eminente ao que mais foge a sê-lo a humildade, di-lo--emos eminente pela humildade, di-lo-emos eminente pela simplicidade. Não foi um cargo o seu lustre, mas foi ele um luminar para o seu cargo, tanto pelo valor intelectual e moral como pelo apostólico do seu zelo.

Filho do Norte (província de Pernambuco), trouxe de lá o ardor para as obras de Deus; herdeiro dum sangue que tantos homens ilustres têm dado ao Brasil, acrescentou mais, como verdadeiro príncipe a quem o passado obriga a ser nobre e o futuro pedirá contas que já deve ir pagando pelos atos do presente, acrescentou mais aos brasões de sua Casa.

E, como lhe conferiu Deus o egrégio principado, que é o mais elevado da terra – o cardinalado na Igreja de Deus, honrou-lhe o passado de 1900 anos e acrescentou-lhe mais glória na glória da comunhão de todos os santos.

Ficam assinalando para sempre o seu zeloso apostolado os marcos que deixou, já no magistério, já no indefesso pastoreio das almas em bispados e arcebispados entre os quais podemos nomear o de São Paulo, onde foi bispo, até hoje recordado como excelente e zeloso diretor e organizador.

***

Nestes tempos em que tanto rareiam os dotes de simplicidade e em que tão culminantes avultam os da ostentação, não fica mal citarmos, como de outro Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, o retrato da câmara do nosso primeiro purpurado, tal qual a estampou jornal carioca:

"*O quarto onde D. Joaquim Arcoverde, primeiro cardial do Brasil e da América Latina, exalou o seu último suspiro é o mesmo em que sempre habitou, desde que a sede do cardinalato foi transferida para o Palácio S. Joaquim1, na Glória. Acha-se localizado na ala direita do edifício que deita para a rua Benjamin Constant. Apresenta este aposento um aspecto de grande simplicidade, o que era aliás, o traço característico de Dom Joaquim Arcoverde. Possui duas janelas que dão para a rua Benjamin Constant. Nas paredes, existem apenas os retratos dos progenitores do cardial, uma imagem da Santíssima Imaculada, outra de Santa Teresinha de Jesus e um crucifixo de prata. Mais nenhum outro*

ornamento. Encostado à parede, existe apenas um guarda-roupa modestíssimo, como a cama, de madeira escura, onde repousava o virtuoso prelado, e no qual ele rendeu a sua alma ao Criador. O cardial, além desse aposento, utilizava apenas mais um outro ao lado, que lhe servia de gabinete e biblioteca e mais uma pequenina peça de vestir e banheiro na parte posterior da ala direita do edifício". (*Crítica*, 19/04/1930).

É o seu testamento uma bela página do cristianismo. Afirmação da Fé! E, se a morte é o atestado do "como" da vida, a morte pacífica do Cardial Arcoverde, modelo para os católicos brasileiros e para todos os católicos, não destoou na sinfonia dos seus dias de peregrinação e ação na terra.

Assim morre o justo.

Capítulo 6
As duas cidades

"A caridade faz a cidade-apóstolo, a nação-apóstolo como outrora os reinos de Espanha e Portugal (e especialmente Portugal) que a Fé e o Império andaram dilatando, na expressão felicíssima de Camões. A soberba cria a cidade maldita que perde os próprios filhos nas suas organizações sem Deus, a nação pagã, orgulhosa de si mesma, "dominada pela paixão de dominar as nações que subjuga e aos príncipes destas", na frase de Santo Agostinho".

Neste trabalhozinho, não vou dizer novidade alguma. Não haverá por aí muita gente que desconheça o sentido das duas cidades de que vamos falar. Falar das duas cidades é o mesmo que falar daqueles dois homens da epístola do Apóstolo: o homem velho e o homem novo.

É o homem velho o homem da cidade velha, da cidade de Satanás; é o homem novo o homem da cidade nova, da cidade que aceitou a bênção da Redenção do Verbo Encarnado, da Jerusalém sagrada dos Santos, onde se respira a atmosfera pura do cristianismo na vida e na lei.

Tomando os princípios do excelso Bispo de Hipona, aduzindo-lhe por vezes as palavras, não ficaremos, nesta simplicíssima peça, somente no campo especulativo. Verdade que da especulação é que promana a ação; mas nós já somos ação católica; nós estamos, pela graça de Deus, alistados nesse exército e não podemos deixar de fazer ação católica onde quer que estejamos. Jesus nunca pregou que tínhamos de ser católicos em casa e no templo, e agnósticos ou ateus na rua, na profissão, na escola, na política, no cemitério ou algures. Por isso, da especulação desceremos ao chão da prática, do dia a dia que vivemos gloriosamente dentro da Igreja de Deus.

Ave Maria!

"*Que é, pois, a república senão a coisa do povo? Coisa comum, portanto, coisa por conseguinte da cidade. Que é, porém, a cidade, senão uma multidão de homens reduzida a certo vínculo de concórdia?*" diz Santo Agostinho num comentário aos salmos.

E noutro passo torna a dizer: "*Portanto, onde se acha o rei, onde o tribunal, onde os ministros, onde o povo, há cidade: nem, com efeito, haveria tais (trata de vícios), nem haveria tais nas más cidades, se primeiro não existissem em cada um dos homens, que são como elementos e sementes das cidades*".

Vê-se, daí que, para Sto. Agostinho como para toda gente, a cidade é formada de homens unidos por um princípio comum.

Acordo existe facilmente na definição da cidade como multidão

organizada com seu rei e vários poderes; não, todavia naquilo que é o espírito da cidade, aquilo que diferencia a todas elas. E aí começa a divisão, aí aparecem as duas cidades: uma tem o espírito de Cristo – esta é a cidade de Deus; outra tem o espírito de Caim – é esta a de Satanás.

Diz bem Sto. Agostinho: – "*Dois amores fizeram duas cidades; a terrena, fê-la o amor de si até o desprezo a Deus; e a celeste, fê-la o amor a Deus até o desprezo de si mesmo. Afinal, aquela se glória em si mesma, está no Senhor. De fato, aquela busca nos homens a glória; para esta, porém, é Deus a testemunha da consciência e máxima glória. Aquela exalta a cabeça em sua própria glória; esta diz ao seu Deus – Glória minha e exaltador da minha cabeça (Psal. III, 4). Aquela é dominada pela paixão de dominar as nações que subjuga e aos príncipes destas; nesta, servem-se mutuamente na caridade, os chefes consultando, os súbditos obedecendo. Aquela, nos seus poderosos ama a sua própria força; esta diz ao seu Deus: Amar-te-ei, Senhor, minha força (Psal. XVII, 2). Por cuja causa, naquela os seus sábios, vivendo segundo o homem, ou foram após os bens do corpo e os da alma, ou após uns e outros; ou os que puderam conhecer a Deus, não o honraram como a Deus, nem deram graças; mas devanearam nos seus pensamentos, e obscureceu-se-lhes o coração ignorante: dizendo-se sábios, isto é, dominando-os a soberba, e exaltando-se na sua sabedoria, fizeram-se estúpidos; e mudaram a glória incorruptível de Deus em semelhança de imagem corruptível do homem, e de aves, e quadrúpedes, e serpentes: com efeito, a estas imagens adoraram-nas já os chefes de povos, já os seus seguidores: e cultuaram e serviram à criatura antes que ao Criador que é bendito para os séculos (Rom. 1, 21-25). Nesta, contudo, não há sabedoria alguma de homem, a não ser o amor (pietas), pelo qual retamente se cultua ao verdadeiro Deus, aspirando àquele prêmio na sociedade dos santos, não só dos homens, mas também dos Anjos, para que seja Deus tudo para todos (1 Cor. XV, 28)*".

Isso lemos no XIV do *De Civitate Dei*, cap. 28. Vem esta longa citação confirmar aquilo que atrás ficou dito pelo nosso Santo, que

é o asserto de como os vícios não existiriam na cidade se primeiro não fossem nos homens "*que são como elementos e sementes das cidades*". Então, se há duas cidades em virtude de dois espíritos contraditórios, quais os princípios que as criam ambas opostas?

Di-lo claramente a citação acima: "Dois amores fizeram duas cidades". A Cidade de Deus é fatura da caridade, a cidade de Satanás o é da soberba com todas as suas consequências. Uma é a glória de Deus, outra a glória da matéria. Uma a glória do homem velho que é de Satanás.

A caridade faz a cidade-apóstolo, a nação-apóstolo como outrora os reinos de Espanha e Portugal (e especialmente Portugal) "*que a Fé e o Império andaram dilatando*", na expressão felicíssima de Camões.

A soberba cria a cidade maldita que perde os próprios filhos nas suas organizações sem Deus, a nação pagã, orgulhosa de si mesma, "*dominada pela paixão de dominar as nações que subjuga e aos príncipes destas*", na frase de Santo Agostinho. Cria a soberba os povos obcecados pelo esplendor material e pelos bens puramente humanos, que fazem cômoda e mole a vida na terra. No ardor da sua felicidade vã, esta cidade maldita esquece-se das divinas promessas e, de degrau em degrau; vai descendo para a barbárie, porque desprezou as dádivas divinas, pelas suas descobertas, pelos seus ouros, pelos seus negócios. Menosprezadora de Deus santíssimo e amabilíssimo, virá a adorar o bem inerte, a imagem do nada, a ilusão, o transitório, cuja glória efêmera acabará amanhã.

***

São esses os dois amores que fundam as duas cidades, "*dois amores, dos quais um é santo (diz o nosso Doutor), outro imundo; um social, outro privado*".

São, portanto, esses dois amores os fundamentos de duas civilizações distintas que têm de predominar no mundo, dependendo de

qual delas a felicidade ou desgraça temporal e sobrenatural dos homens: a cristã, ou a pagã. Não é aqui, ainda, o lugar de vos mostrar a situação das duas cidades na atualidade mundial.

Velha é a luta delas duas.

Já no tempo de Sto. Agostinho a controvérsia forçou o grande Doutor a escrever a sua admirável apologia *De Civitate Dei*, na qual pulveriza as pretensões do paganismo, a quem os seus seguidores, como ainda hoje, queriam atribuir a antiga florescência do Império Romano, ao mesmo tempo que cominavam ao Cristianismo a ruína daquela assombrosa potência política; mostra a nulidade do paganismo no resolver o problema da felicidade do homem nesta e noutra vida; critica severamente a teologia do paganismo de Varrão, e, por fim, dá a origem, percurso e fim das duas cidades, de Deus e de Lúcifer, ou Cristianismo e paganismo sob as várias formas.

Desta última parte da apologia agostiniana já demos notícia quando acima falamos dos dois amores que criam as duas cidades, do bem e do mal, que na sua expressão mais nítida podemos dizer a Igreja e o paganismo. Devemos, no entanto, remontar às origens supremas de ambos, para que melhor se compreendam.

Babilônia (a cidade de Lúcifer) que se interpreta "confusão" teve princípio por Caim, e *Jerusalém* (a cidade de Deus) que se interpreta "visão da paz" teve exórdio por Abel, conforme diz o grande Bispo (*Ierusalem accepit exordium per Abel; Babylon per Cain*).

Vamos além, e ficamos cientes de que as duas cidades têm de remontar mais: – a de Deus procede dele e seus Anjos fiéis, e a de Lúcifer deste e seus anjos infiéis a Deus. Na terra, pois, Abel representou a Deus, e Caim a, Lúcifer. E todos nós, segundo as obras que fazemos ou não fazemos, obrando ou omitindo e, com operar, pecando ou não pecando, tomamos o partido de Deus ou de Satanás. Por onde não deixa Agostinho de acentuar que andam unidas, misturadas neste mundo as duas cidades, com quanto haja abismo imenso entre uma e outra. Crescem juntas como as sementeiras do semeador do Evangelho, joiadas

pela cizânia daninha. Ouçamos o que pondera o santo Doutor:

"*E andam estas duas cidades, por enquanto, misturadas; no fim, hão de ser separadas; debatendo uma contra a outra: uma pela iniquidade, outra pela justiça; uma pela vaidade, outra pela verdade. E às vezes a própria comistão temporal faz com que alguns pertencentes à cidade de Babilônia administrem as coisas pertencentes a Jerusalém; e, ao revés, alguns pertencentes a Jerusalém administrem coisas pertencentes a Babilônia".* (In Psal. LXI, 8)

Até quando seguirá essa torturante peregrinação da Cidade de Deus entre os filhos da perdição? Até quando a lama de Babilônia salpicará as vestes nupciais dos filhos da divina Jerusalém? Responde Sto. Agostinho, com Jesus, que um dia há de perecer toda república terrena e seu domínio passará quando vier aquele reino pelo qual oramos "*Venha a nós o vosso Reino"* (Mat. V, 10), e do qual foi predito "*E o seu reino, não terá fim"* (Luc. I, 33). Então repousará de suas agonias, de suas angústias, dos seus temores, o cidadão e súdito de Deus, porque, diz o nosso autor, "*Doce é, na verdade, uma pátria, e verdadeiramente uma pátria, uma só pátria: sem ela, tudo para nós é peregrinação".* (In Psal. LXI, 7).

Não podemos acaso reconhecer-nos hoje, quando somos ou não da Cidade de Deus? Responde-no-lo Agostinho:

"*Estas duas cidades, fazem-nas dois amores: amor de Deus faz Jerusalém; o amor do século (o amor mundano) faz Babilônia. Que cada qual, portanto, se interrogue a quem ama, e achará donde seja cidadão: e, caso se veja cidadão de Babilônia, extirpe a ambição, plante a caridade; se, porém, se vir cidadão de Jerusalém, suporte o cativeiro, espere a liberdade. Pois que muitos cidadãos da santa madre Jerusalém se achavam corrompidos pelas cobiças de Babilônia, e pela própria corrupção das cobiças fizeram-se como cidadãos daí, e muitos ainda assim são, e muitos depois de nós ainda hão de ser, nesta terra: sabe, todavia, o Senhor, fundador de Jerusalém, quais cidadãos predestinou, quais vê sob o domínio do diabo e que hão de ser redimidos pelo sangue de Cristo;*

conheceu-os antes que eles se conhecessem a si mesmos (In Psal. LXIV, 2)".

No dia terrível, "*dies irae, dies illa*", no dia terrível em que ambas as cidades vierem a contas, no dia em que deverá separar-se o joio do trigo, que lado a lado frutesceram, então Deus há de deslindar a mistura que hoje prevalece: – "*Mostra-lo-á então o Senhor, diz o gênio de Hipona, quando puser uns à direita, outros à esquerda. Jerusalém estará à direita; à esquerda, Babilônia. Jerusalém ouvirá: Vinde, benditos de meu Pai; recebei o reino que vos está preparado desde a origem do mundo. Babilônia há de ouvir: Ide para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos".* (Mat. 34, 41).

Assim, pois, são a glória eterna e a eterna condenação os dois desenlaces eternos da vida das duas cidades de que trata o grande Bispo.

O assunto prestar-se-ia a devaneios poéticos, a floreios líricos e ao uso empolado de todas as figuras de estilo, desde a candura das metáforas até as confusões das sínquises. Nada disso fiz, porque já perdi o gosto às flores. Queiram-me desculpar a chatice do discorrer e permitam-me dizer brevemente os fatos que se ligam às duas cidades.

***

Conversamos acerca das duas cidades que marcham para a eternidade, e fácil decorre do que a princípio dissemos o compreender como a cidade puramente humana está dentro das outras cidades que são mais gerais… melhor, dentro da verdadeira cidade que é a Igreja de Deus entre cujos filhos têm ingerência a cidade estrangeira que é de Lúcifer com quem nada temos.

A nossa cívitas terráquea, o nosso Brasil está dentro da Cidade de Deus, por divina predestinação, a qual se há manifestado desde aquele dia em que primeiro Pedro Álvares abicou às nossas praias.

É até o Brasil o País da Igreja, porque é o país de Pedro que o é por Jesus. Pedro foi o seu descobridor, Pedro (Pero) o seu anunciador,

Pedros muitos dos que maiores ações aqui fizeram nos primórdios nacionais, Pedros o 1º e 2º bispos, Pedros o 1º e 2º Imperadores; Pedro o 3º imperador, aguardado confiantemente pela nossa fé de Patrianovistas.

Fazemos parte, com honra que a todo católico deve entusiasmar, de uma civilização cristã, a Ibérica, que foi uma das maiores glórias da Igreja nos séculos passados e, apesar da dissolução moderna advinda das tramas judaicas, maçônicas, pseudo-cristãs geradas em nações doutro sangue que não os nossos, continua à ser (ouso afirmar!) a maior esperança da Igreja nesta fase crítica do mundo. Somos a Pátria maior e mais populosa dos povos de civilização latino-cristã e, com mais uma geração, sem imigrantes, serremos fatalmente o maior povo do hemisfério ocidental, com mais de 60 milhões de habitantes.

Ora! Mas nós estamos sendo invadidos pela cidade pagã, pelo que se pode chamar *satanismo*. Não falo já no paganismo político, porque esse é muito velho aqui dentro, senão do desvario intelectual das escolas filosóficas neo-pagãs, individualistas, pragmatistas tendendo para o socialismo e comunismo, as quais nos empestam as escolas onde não entram livros com o nome de Deus e onde a nossa História, ensinada (até nos meios católicos) pelo sistema da bobagem negativista, não forma Brasileiros, mas cabides de *novidades* de última hora e de datas complicadas. Somos vítimas da invasão dos bárbaros do Norte que, com as suas teorias rançosas de mil protestantismos falidos e desmoralizados em sua pátria de criação, vêm (na expressão deles) *ensinar os brasileiros a ter caráter*, como se precisássemos dos protestantes ianques ou de alhures para nos ensinar a cumprir o nosso dever. Somos vítimas, digo, da invasão dos bárbaros que só pensam em *fazer, fazer dinheiro*, preocupação satânica que divide os povos, promove lutas de irmãos, quebra a unidade espiritual e moral da Pátria, pois que a divisão nacional procede fatalmente do materialismo, da consideração rasteira dos sós valores materiais como medida de tudo. Raciocinam esses bárbaros, para nos atacarem, com as mesmas razões que Sto. Agostinho impugna aos velhos pagãos.

"*Prouve realmente à divina Providência, diz a Águia de Hipona, prouve à divina Providência preparar posteriormente os bens para os justos, bens de que não fruirão os injustos; e, para os ímpios, males que não excruciarão os bons. Quis, porém, fossem comuns a uns e outros os bens e males temporais: afim de que nem se apeteçam com mais paixão as coisas que veem terem também os maus, nem evitem vergonhosamente os males que o mais das vezes atingem também aos bons*" (De Civit. VIII, 1, lib. 1).

Há pouco, tive em mãos um folheto assinado por um indivíduo de nome complicado (estrangeiro?), onde se faz o elogio da Alemanha, Norte-América, etc., países santos, na opinião dele, porque protestantes e por isso melhores do mundo: aliás é o que fazem crer sorrateiramente a respeito do nosso país os pastores ianques, dando aos seus fiéis brasileiros uma admiração inconsiderada pelos Estados Unidos, e desamor, ou menos amor, ao Brasil. Ouvi o que diz o citado pastor meloso, a respeito daqueles países:

"*Que nações benditas, que nações abençoadas!*"

"*A santa Paz orvalha os seus benditos lares numa felicidade beatífica, esplendente* [...] *tudo porque são protestantes, porque reina nos seus corações o Espírito de Deus!*"

Falando da Itália, diz:

"*Só uma nação impregnada do espírito católico, oco, espúrio, pode criar tais anomalias*".

Mais: "*A vida, o progresso, a felicidade dum povo se realizará quando os seus filhos rompam com o romanismo*".

A alturas tantas, o bobo do pastor mostra ter uma ciência anti-diluviana, pois faz um catálogo de *mentiras* romanistas que qualquer pastor brasileiro inteligente e pudoroso não referendaria…

E poderia o pastor engraçadinho ver que os males que cita se devem não ao Catolicismo, senão justamente à falta de catolicidade integral. Ninguém, por exemplo, dirá que os nossos políticos são católicos praticantes, cumpridores da lei de Deus e da Igreja! …

Vai a Igreja responder pelos erros deles? Se as desgraças físicas e meteorológicas dependem do romanismo do povo, como pretende o piolínico ministro, então como se explicariam as contínuas calamidades de tufões, inundações etc. nos "seus" protestantíssimos Estados Unidos?

E não sabe o ilustre pastor que os males políticos e sociais do mundo tiveram nascimento nos países protestantes (até o bolchevismo!), e que, se certos Estados católicos são criminosos e decadentes, é justamente por terem abandonado política e socialmente a doutrina católica para adotar o individualismo protestante? Não sabem que os inteligentes tiram dos princípios, desastradamente quando princípios maus, conclusões que os obtusos não veem?

Ora pois! Outro invasor sorrateiro é a A. C. M., a antinacional sociedade protestante, onde somente protestantes mandam, e onde praticamente vigora um neo-paganismo que nos engambela com as suas manhas hipócritas já agora desmascaradas dentro e fora do nosso País. *Vive sob os auspícios da América do Norte*.

Outro ainda, maior de todos, porque de todo erro tirou as últimas consequências, é o bolchevismo, o comunismo que já ulula poderoso dentro da cívitas nacional e, às vezes, covardemente se embuça sob a capa de socialismo. E a onda de bolchevizados ou socialistizados, essa é imensa. Por desespero, por irreligião e por estupidez. Principalmente estupidez.

Prosseguirá, pois, a luta do Cordeiro contra o Anticristo, já predita no Apocalipse, que prepara a vinda pessoal do atroz inimigo de todo bem, de tudo quanto é santo.

Façamos, portanto, nós os Brasileiros, nós os representantes mais poderosos da velha civilização cristã, façamos por vencer, com nossa vida santa e nossa ação católica intensa, esta peleja formidável da Cidade de Deus, Jerusalém de todos os santos, glória e sonho de perfeição dos nossos gloriosos antepassados, contra a Cidade infame do Anticristo, o império infernal do paganismo, de Satanás.

Capítulo 7
Ser Santo

"É o santo o único sábio, porque vive de conformidade com o conhecimento da sua miséria".

As vezes temos pensado na necessidade de ser santo, e é isto uma consequência do meditar na vaidade da vida, esta contingência tão rápida que, após havermos compreendido a nulidade do que somos e o vácuo do nosso passado, mal nos sobra tempo de perfazer um plano sério de construções e realizações, quer a favor da atualização futura do nosso ser feliz, quer a bem da contingência universal, nacional ou individual doutros seres que virão, depois de nós, ocupar o lugar vazio, por nós deixado na terra.

Pensar na realidade nua da vida! … Agora posso entender melhor: têm razão os maus quando afastam do pensamento (se é que como racionais o conseguem!), quando repelem o pensar no nada do seu passado, no "nada de nada" do seu presente e na breve consumação desse "nada de nada" da sua efêmera existência terrena.

"Nada de nada" foi como lemos na "Imitação" e, por muito verdadeira e muito adequada, ficou-nos a expressão: *nada somos*, e *nada tirado do nada*. Que verdade verdadeira! Quem é que disto não possui ciência? No entanto, parecemos não sabê-lo. Vem daí acaso o nosso mal viver ou quase mal viver? Vem do não cogitarmos bem nessas coisas? Não sei; o caso é que sei a verdade, conheço o bem e o fim particular e universal e sigo o pior; sei que a minha essência é minha e inalienável e que, todavia, não é minha a sua existência; sei que amanhã me hão de tomar a minha existência contingente e nada poderei fazer contra quem na arrebatará, porquanto hei de compreender que o espoliador era dona dela.

***

E então? Quem sou eu? Quem somos nós? De quem é este eu, este nós, que vive em nossas bocas, parte que é em todas as lides, motivo de tanta luta fraternal, social, geral? Este eu, e este nós, que será deles quando se lhes disser que não podem desavençar por causa de si próprios? Admira o pormos tento nisso. "Eu e nós", ocasião, motivo

e causa de tanta briga, de tanta soberba, tanto orgulho, tanta vaidade, tanto desprezo, tanto pecado em suma, "eu e nós" não têm razão de causar esse rol de abominações e, se o porquê reclamamos, é resposta o afirmar que não se pertencem, pois não se podem conservar indefinidamente como seria justo. Que será de *eu e nós* se amanhã lhes pedirem a alma?

Santo Deus! Mas o homem não vive segundo a verdade; e as mais das vezes pensa nela só quando ela vai realizar, ao chegar perto a morte, o que embalde afirmava. A dor corpórea, a doença faz o homem não-raro cair em si a respeito da vaidade do seu ser.

Mostra-no-lo também facundamente a História: a glória dum herói e a desconformidade ou miséria do seu fim; a miséria contínua duma alma superior; o precípite desaparecimento dum vulto cheio de glória e viço.

Têm razão os homens do mundo em não querendo pensar coisas tais, visto que são verdades reclamadoras de resolução séria e formal. "Ser ou não ser" exige ou não exige uma ação tal ou qual. Se isto é assim, deve-se proceder assim; se isto não é assim, deve-se proceder doutro modo.

***

Ser santo, ou ser réprobo.

Claro está que o homem se porta conforme o fim último, porém Deus é que lhe asseia a santidade: ou se porta contra o fim, e assim se faz réprobo por si mesmo.

Dizíamos no começo que às vezes temos pensado na necessidade de ser santo. Em verdade, tem isto sido uma grande preocupação em nossa vida: curando da melhor forma de fazer triunfar a causa da Igreja, o Reino de Deus no Brasil e no mundo, concluímos que sem possuir a Deus, o seu Verbo, não há palavra que convença, nem força que arraste. Em vão procurará um bandido educar um santo. Ora, como poderá um

injusto fazer triunfar a Justiça Suprema? Preciso fora que primeiro triunfasse no injusto.

Ademais, o injusto não pode amar a justiça, e, sem paixão duma causa, impossível é fazermo-la vencedora. Cumpre que, primeiro, ela nos vença. Não pode, além disso, dar o homem o que não tem; por onde, se alguém dá ia outrem uma fé e amor superiores aos seus, foi a graça sozinha que tal realizou.

Assim também noutras ordens. Só um grande patriota de coração consegue arrebanhar legiões para uma ação comum a bem duma nacionalidade.

Poderão outros falar, entusiasmar, persuadir no momento; porém, ao apaixonado, ao patriota verdadeiro, pertence atrair, convencer, arrastar, levar para a ação realizadora do ideal. E que ideal há maior do que a implantação do Reinado de Deus nos indivíduos, nas famílias e nas nações?

No Brasil, há uma corrente de filosofia política e de ação que fez do "*venha a nós o vosso Reino*" a razão profunda das suas lutas e esperanças, sob a égide da Santíssima Trindade: é o **PATRIANOVISMO**.

Se é esse um movimento de renovação de almas, renovação das inteligências, retificação das vontades, que tais devem ler os chefies, os responsáveis em tamanha empresa?!

Por isso é que pensamos na necessidade de sermos santos.

E é o santo o único sábio, porque vive de conformidade com o conhecimento da sua miséria.

Capítulo 8
Ação Católica

"Fora do Catolicismo não pode viver o Brasil, como a todos se patenteia, visto que foi a negação religiosa nas escolas, no exército, na política e nos políticos, na imprensa, na arte, na vida em geral, que nos trouxe à grave situação pela qual passamos".

Não a uns católicos senão a todos, não só aos sacerdotes senão também aos leigos, se dirigiram aquelas palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao deixar este mundo.

Ide e ensinai, adereçado, especialmente aos ministros do altar, atinge-nos a todos; e ai daquele que, encastelado na torre individualista da sua inércia, deixar que murchem as almas, definhem as crianças do espírito por falta da caridade larga que a elas abrace para trazê-las ao redil da Santa Igreja! Ai, sobretudo, desses infames governos liberais, agnósticos, "leigos" e ateus, que fizeram das pátrias santas uns covis de ladrões de almas, de assassinos da moral e do bem comum! Ai deles! Ai dos seus agentes!

Alguns hoje em dia, contudo, pensam que se cifra a religião, em ouvir umas missas, mal-ouvidas porque sem ouvir a Deus, em acompanhar cortejos piedosos pelas ruas, em vociferar valentias católicas, disputar "ciumentamente" o carregamento de tocheiros e outras coisas semelhantes.

Se se lhes fala da miséria moral e religiosa dos seus irmãos, da situação religiosa "real" de sua Pátria, da impossibilidade de proverem os sacerdotes ativos e zelosos às necessidades da causa religiosa, parecem repetir a palavra infame de Caim:

"*Sou eu por acaso o guarda de meu irmão*?"

Onde está, pois, a Religião nossa, se damos a mesma resposta dos ateus, dos indiferentes, dos liberalistas, dos gozadores, dos exploradores, dos ladrões, de todos os naipes de egoístas que infestam o mundo e começam, por falsa educação ou por imigração, a infestar o Brasil?!

***

É a nossa Pátria uma das obras mais assombrosas da solidariedade humana cristã estabelecida na terra: trabalho de três Raças diversíssimas entre si, formou-se o maior império homogêneo do mundo, calcado sobre os princípios do Evangelho. Se o Império nos uniu

politicamente (bem esse, que faleceu à América Espanhola, por várias causas, entre as quais não foi menor a inexistência de uma Família Dinástica), foi-lhe o mais firme colaborador a Unidade Religiosa que predispôs as almas ao bem da Pátria Integral.

Não podem os herdeiros de tamanho patrimônio deixar que o espírito tradicional morra afogado na onda miserável do materialismo contemporâneo, importado de povos moralmente mil vezes inferiores ao Brasil.

E, se verdadeiro é o nosso catolicismo, saibamos que é dele preciosíssimo condão, o mais divino porque mais caridade, o ser apostólico.

Nacional em toda parte, pois que toda a terra, toda a humanidade é herança da Igreja de Jesus, em toda parte é o Catolicismo a luz que ensina, a força que educa e fortalece, o bálsamo que ampara.

Não é nacional no sentido da limitação protestante, anglicana, ortodoxa ou pagã, mas a mais perfeita escola da ordem, da paz, do patriotismo verdadeiro e de todas as virtudes humanas.

A nossa história é atestado monumental dessa verdade, livro aberto para se lerem as obras de Deus pela sua Igreja.

***

Pois é esta Terra que cada dia reclama com maior insistência a ação dos operários da Cruz. Se fora do Catolicismo não pode viver o Brasil, como a todos se patenteia, visto que foi a negação religiosa nas escolas, no exército, na política e nos políticos; na imprensa, na arte, na vida em geral, que nos trouxe à grave situação pela qual passamos: – hoje esta verdade deve ser dita sem ambages, sem meios tons, sem covardia, agramente, intolerantemente.

Rumo à nação católica!

Mas já não existe? Certo que existe e intensa; mas não é isso razão para que deixemos de a proclamar. "*Clama, não cesses!*" dizem as Sagradas Letras. E bradaremos sempre, por isto que é dever e, demais,

trabalham incansavelmente em nosso meio os inimigos de Deus, da Pátria e da sociedade.

Como calar num meio indefinido em que, de par com as ideias estúpidas invasoras, há a estultícia dos naturais? Onde, enquanto prega o bolchevismo multiforme (que há bolchevizantes e bolchevistas nos governos, no clero, nas irmandades etc., tanto como nas células moscovitas, nas oficinas e nos jornais: basta que falte caridade, justiça, sinceridade e bom exemplo!) a dissolução, da ordem tradicional já tão abalada ultimamente pelas nossas omissões, maus atos e crimes, enquanto a propaganda maçônica age na sombra favorecendo todos os desvarios comunistas antifamiliares, antissociais, antinacionais, anticristãos: – assistimos a contínuas arremetidas legais a favor do divórcio?

***

"*Desde os inícios do Nosso pontificado, na Encíclica Ubi Arcano, proclamamos publicamente diz Pio XI, que a Ação Católica consiste na participação do laicado no apostolado hierárquico ida Igreja. E confirmamos noutros documentos esta definição, afirmando que os que na Ação Católica militam "são chamados a esta função por uma graça toda particular de Deus, e que esta vocação não é tão afastada da missão sacerdotal, pois que a Ação Católica não é em suma senão o apostolado das fiéis dando a sua colaboração à Igreja sob a autoridade dos bispos e completando de algum modo o ministério pastoral" (Carta ao cardial Van Roey). Donde aparece, caríssimo filho, quão grande é a dignidade desta instituição e quanto é ela necessária à nossa época*".

Diz mais Sua Santidade que, além de zelo, e cuidado da perfeição pessoal (preocupação primordial e principal), é ela "*verdadeiro apostolado*", incumbido a católicos de toda condição, unidos de pensamentos e ação "*em torno de certos centros constituídos e devidamente autorizados pelos bispos*" que os sustêm e impulsionam. Ação, portanto, de doutrinas, trabalhos e iniciativas, legitimamente não corporal, mas

espiritual, nem terrestre, mas celeste, nem política, mas religiosa. Pode, entretanto, qualificar-se de *social*, com justiça, visto que se propõe promover o **Reino de Nosso Senhor Jesus Cristo**, e, isto fazendo, procura para a sociedade o seu bem supremo e todos os bens que dele decorrem, nomeadamente os que interessam ao Estado e se chamam políticos, isto é, não privados e particulares, senão comuns a todos os cidadãos".

Isso pode e deve fazê-lo, estranhamente às paixões dos partidos.

Eis, por conseguinte, aonde nos chama Pedro!

Aí a salvação para a família, para a sociedade, para a Pátria, para o mundo.

Como diz, Ehrhard, se o mundo se perdeu pela concepção errada de si mesmo, só pela concepção verdadeira há de ser salvo.

Quer Sua Santidade, quer Jesus, que nós vivamos, nós católicos da vanguarda, vivamos essa ação divina que instaurará tudo em Cristo, em Deus, princípio e fim.

Obedeçamos.

Capítulo 9
A pergunta de São João Batista

"O seu mau exemplo (dos sacerdotes de Leví) era uma contínua pregação contra o que pregavam. Eram soberbos e duros de coração, pouco lhes importando o desbarato da alma da multidão dos humildes".

Como, porém, ouvisse João Batista, na prisão, falar das obras de Cristo, mandou dois discípulos seus, dizendo:

"*És tu que hás de vir ou temos de esperar outro?*"

E jesus respondeu-lhes:

"*Ide reanunciar a João o que ouvistes e vistes*".

"*Os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos limpam-se, ouvem os surdos, os mortos ressuscitam, os pobres ouvem o evangelho*".

"*E bem-aventurado quem não se escandalizar comigo*".

***

Quem é esse que manda seus próprios discípulos perguntarem ao Redentor se é Ele o Redentor, o Messias, o Profeta dos profetas de Israel? E por que ainda ousa cuidar de coisas divinas, até dentro da prisão?

Dissera São João que cumpria a Jesus crescer e ele diminuir-se. Porque ele tinha, por missão, apenas preparar o caminho do Senhor pregando a penitência com que o povo judeu se faria digno de receber o grande dom do Céu – o dom do próprio Filho de Deus, Verbo Encarnado e Eterno.

O Batista, enviando os seus discípulos inquirirem a Jesus, não no faz por desconhecer a personalidade do Messias, a cuja presença estremecera no ventre de sua mãe, senão para unicamente abrir aos seus sequazes a porta do conhecimento de Jesus Cristo que era o fim da sua obra, da obra de São João Batista.

Envia estando mesmo na prisão, para assim demonstrar que os profetas do Senhor, os apóstolos, os pastores e, em suma, todos os servidores do Senhor, não podem e não devem fazer restrições no servir a Deus: todo lugar, todas as situações intrínsecas ou extrínsecas, boas ou más, devem conservar-nos com a alma sempre alçada para as alturas, cheia de fé e caridade.

Seja qual for a situação em que estejamos, devemos responder a esta pergunta da consciência: Quê esperas para cumprires o teu dever?

Pusera Herodes a João no cárcere.

Por quê? Porque dissera a verdade a esse governo que pecava pública e notoriamente contra a castidade. Era incestuoso.

Que muito fosse Herodes governo! Não é Deus mais governo do que todos os governos? E o Profeta de Deus fez-lhe ver o seu crime, o que lhe valeu a cadeia, ao Batista.

Que outras coisas fizeram Dom Vital e outros gloriosos bispos e sacerdotes do passado e ainda fazem muitos?

***

O caráter da pergunta de São João era puramente especulativo, e Jesus lhe não responde senão indiretamente: Queres saber se sou ou não o Cristo, o Redentor prometido no começo dos séculos, o qual nasceria da Virgem? Julga-o tu mesmo que sabes as Escrituras. Porque os há também que sabem, e, entretanto, não veem a verdade. Julga-o tu mesmo, João Precursor. O fato é que os cegos veem, ouvem os surdos, mortos ressurgem, e no caminho do Nazareno não se contam as abundâncias do bem que faz aos miseráveis mortais. Julga-o tu mesmo.

Inquires, João, se sou o Messias? Não se te dará outra resposta a não ser o relato das obras do Filho de Maria.

Ora, justamente esses eram os sinais que, segundo os profetas, provariam a identidade do Rei de Israel. Desses é que Jesus manda recordar o prisioneiro de Herodes.

Com isto nos ensina Nosso Senhor a não ficar somente no domínio da especulação científica, inquirindo, ociosamente e sem proveito, coisas inúteis, em vez de pôr em ação, exercitar as nossas faculdades em costumes segundo a lei divina, para assim adquirirmos os bons hábitos que são virtudes, atingidas as quais tudo se nos torna fácil e claro para remontarmos até as culminâncias das cogitações filosóficas e teológicas.

Vê-se aqui a importância que o Salvador dá aos exemplos que

frutificam em copiosas messes para o celeiro divino.

Colhamos, porém, outra doutrina.

Jesus não fala só dos milagres, mas diz também que "*os pobres são evangelizados*".

Nunca o Mestre se esquece dos pequenos (de quem é o Reino dos Céus), e por isso põe bem claro o seu propósito de que os pobres aprendam a boa nova da salvação. Era lá uma coisa muito de pasmar, naqueles tempos em que os sacerdotes de Leví só se preocupavam com grandezas, vaidades e inutilidades, em vez de doutrinar deveras o povo e, desviados da política terra-a-terra do mundo que a tudo anarquiza, mostrar qual fosse o verdadeiro Reino, celeste e não terrestre, alvo das promessas proféticas.

O seu mau exemplo, todavia, era uma contínua pregação contra o que pregavam. Eram soberbos e duros de coração, pouco lhes importando o desbarato da alma da multidão dos humildes.

Punha-se contra esses procedimentos indignos o Redentor da humanidade e por isso era que dizia bem-aventurados os que se não escandalizassem com Ele, com a verdade que vinha ensinar.

É, pois, o supracitado do Evangelho um bom complemento daqueles do fim do mundo e juízo final.

Quais são os católicos que sabem bem desses formidandos sucessos tão repisados nos Evangelhos, sucessos que, conforme a Palavra, virão quando menos se esperar?!

No entanto, era mister conhecêssemos melhor a nossa Fé.

Colhamos doutrina! Colhamos da sua santa doutrina.

Inquiramos, interroguemos como São João Batista; mas, da ciência que recebamos a respeito da Crença, derive para nós um melhoramento de vida religiosa e do cumprimento de todos os nossos deveres.

E se, por absurdo, o pouco sabido tenhamos como muito piam nós, imitemos ao Batista que, se sabia de tudo, não obstante foi a inquérito, não por si que não ignorava, senão pelos outros que careciam do saber.

Capítulo 10
Caridade e humildade

"Na caridade e humildade é que há de fundar-se a obra religiosa do homem, para ser imortal; pois dessa causa, o homem, que é limitado, todo efeito é limitadíssimo; força é que transmita e estabeleça, para seus efeitos, princípios espirituais, para atravessarem o tempo".

Mal sei o que diga de um ato tão solene e tão religioso, qual é o da fundação de nova conferência vicentina.

Trairei porventura a humildade da obra de Ozanam? Direi louvores ainda à já tão encomiada ação dos operosos irmãos de caridade?

Sim! É lícito louvar a obra das Conferências, porque anunciam a glória de Deus, a caridade de Deus, sem cujo amparo e providência nada se pudera ter feito, quando vemos que, durante todo esse longo trajeto do combate vicentino, já muitas obras grandiosas morreram, já muitos projetos faliram, quer profanos, quer religiosos, por isto que uma coisa não tiveram – a Caridade, e de uma virtude careceram – a humildade. Fundaram alicerces lindos, soberbos, e de granito cuidaram ser; mas não eram! Tanto que caíram! Não eram alicerces, porque os alicerces com que se fazem as obras duradouras só aparentemente estão na terra. É mesquinha demais a matéria para realizar as obras da inteligência e da vontade; faz mister o espírito, forma substancial que a tudo anima, que a tudo dá vida. E, como nada de seu tem o homem, nada que passageiro e contingente não seja, ergue os olhos para o alto e pede ao Ser absoluto, que de nada depende, pede-lhe o fogo do céu, inapagável, imortal.

E Deus, que é caridade, a caridade manda-nos; porém, ela que do céu não pode esquecer-se fica na terra com o semblante sempre levantado, trabalhando e rezando.

E está posto o alicerce.

Mas não basta para a ação dos homens. Estes, que tantas vezes fazem crer ou creem trabalhar pela caridade somente, não raro por si próprios trabalham, trabalham por interesse baixo, por Vaidade, por soberba, para serem vistos. E, assim, tem uma irmã bastarda a caridade, irmã que teima em ser reconhecida como legítima, santa, celestial, reivindicando origem divina.

Não; não é essa a caridade, e por isso não basta a ação exteriormente boa para lidimar a caridade.

Portanto, vem a humildade.

Quem sou eu? – diz o homem caridoso quem sou eu para gloriar-me do que faço? O que em mim existe é a caridade que não é minha essência. Amanhã, se Deus a tirar, morrerá a força das minhas obras. Minhas ações valem pelo que valem em Deus; e em Deus valem pela caridade.

Dessarte, não se gloria o humilde em suas obras, porque a sua inconstância não o deixa perseverar. Hoje é santo; amanhã, bandido. Oh! Não pode exaltar-se o homem. Pode-o como miserável, outra vez miserável, e sempre miserável.

***

Assim, na caridade e na humildade é que tem de fundar-se a obra dos homens. Na caridade, por ser divina; na humildade, por ser humana, reconhecedora da infinidade de Deus e niilidade do ser finito.

O pontífice Leão XIII, uma das maiores inteligências de todos os séculos, analisando e denunciando a abominação da maçonaria e indicando os remédios, as maneiras de luta e reação, aponta entre outros a Associação de São Vicente de Paulo. Ouvi-o, que vos interessa:

"*Não podemos aqui deixar em silêncio uma associação que tantos exemplos admiráveis têm dado, e que das classes populares tanto há conquistado a benemerência: referimo-nos à que tomou o nome de seu pai: São Vicente de Paulo. São bastante conhecidas as obras praticadas por esta Sociedade e o fim que se propõe. Tendem exclusivamente os esforços dos seus membros a encarregarem-se, por iniciativa caritativa, do socorro aos pobres e desgraçados, o que fazem com sagacidade maravilhosa e com modéstia não menos admirável. Mas, quanto mais oculta o bem que faz, mais apta se torna para praticar a caridade cristã e aliviar as misérias dos homens*".

Se melhor se não diria, contudo, mais dizer-se pudera, visto como da caridade se não extingue a fonte.

Na caridade e humildade é que há de fundar-se a obra religiosa

do homem, para ser imortal; pois dessa causa, o homem, que é limitado, todo efeito é limitadíssimo; força é que transmita e estabeleça para seus efeitos, princípios espirituais, para atravessarem o tempo.

Nem a força, nem as espadas, nem os tanques, nem os canhões, nada dá estabilidade às sociedades, às nações, aos estados. "*Nem só de pão vive o homem – diz o Evangelho – mas de toda palavra que vem de Deus*".

Nem só matéria, nem só sensibilidade, senão também espiritualidade.

Na luta contra todas as seitas subversivas, e especialmente a maçonaria, inclui Leão XIII muitos colaboradores, e entre eles a Sociedade Vicentina. Bem sabe S. S. por que o faz, e nós adivinhamo-lo. Planta-se esta sociedade no meio da massa popular, e não só para ela e acima dela, mas também dela mesma. E a sociedade que se mistura com a multidão abomina o orgulho, confunde a vaidade nossa, age desconhecida, constrói na penumbra. E, assim como as alfurjas das seitas tramam vandalismos nas trevas, analogamente e para o bem, o vicentino goteja esmolas e benefícios que Deus conhece e premeia.

Todo homem é mais ou menos moralista. Alguns são brandos e sinceros, outros ranzinzas e imprudentes, outros mais só querem empantufar os próximos de moral, sem a quererem para si: os brandos aproveitam, os segundos aborrecem, os últimos fazem desesperar.

Ora, a sociedade moderna e, como somos nacionais, a sociedade brasileira precisa cada vez mais de moralizadores da primeira qualidade, moralistas no bom sentido da palavra – moralistas que sejam morais, por entendermos que quem prega religião religioso deve ser, quem prega confissão deve confessar-se, quem prega o dever há de cumprir o seu. Esse negócio de "*faça o que eu mando e não o que eu faço*" é bobagem que deve ser abolida. Deve o homem pregar com o exemplo e depois com a fala; e só o exemplo é melhor que a fala só.

Ora, nós precisamos "moralizar" sempre mais a nossa sociedade, a nossa Pátria, tanto mais quanto o maçonismo que fundou a república

no Brasil nos tirou todos os meios "públicos" e "oficiais" de o fazermos. Preguemos, pois, com o exemplo e a fala.

Se é necessário fazer alguma coisa contrária à malícia propagada pelos adversários da Igreja e da sociedade cristã, sejamos pela Igreja e pela sociedade cristã: pela Igreja, cumprindo os seus mandamentos; pela sociedade cristã, sendo bons cristãos em toda vida, e apostolizando para que outros o sejam.

Com suas obras, seus exemplos, seu apostolado, são os Vicentinos grandes obreiros da catolização da sociedade, qual o reconheceu o grande papa Leão XIII.

***

Hosana, pois! Hosana! Mais uma conferência vicentina, estabelecida na caridade e humildade!

E chama-se – de *Nossa Senhora da Conceição Aparecida*, Padroeira do Brasil. Conta-se que, na Guerra Holandesa, quando os braços Português, Indígena e Negro combatiam por Deus e pela Pátria contra o Herege invasor, na viveza do combate faltaram munições aos defensores da Brasilidade do Brasil. Estavam, assim, na possibilidade da derrota, quando apareceu uma donzela que aos pelejadores distribuiu munições.

Quem era a donzela? Diz a tradição que era a Virgem. E a vitória foi dos nossos.

É, pois, a Virgem Aparecida a rainha das vitórias. Dela os favônios propícios que impulsionam as ondas da felicidade a barca dourada dos vicentinos novos que ora fundam uma nova Conferência Vicentina.

Capítulo 11
O futuro da Ibero-América

"Do lado do poente vejo altíssimas montanhas, e do lado do nascente é o mar! Ora bem: estas montanhas são como uma margem, um limite. Desde aqui até lá a messe oferecida aos Salesianos. São milhares e milhões de habitantes que esperam o vosso auxilio esperam a fé. Essas montanhas eram as cordilheiras da América do Sul e aquele mar o Oceano Atlântico".

Por interessar imensamente aos NEO-IBÉRICOS que somos todos nós, brasileiros e outros filhos da Hispano-América; por interessar a todos nós, que sonhamos a ORDEM NOVA no universo, e especialmente nesta nossa caríssima parte do orbe, transcrevemos, aqui, o sonho profético do Beato DOM BOSCO em 1883, sonho que é mais um alicerce firme para as nossas esperanças e certezas intuitivas nestes tristes momentos em que a nossa civilização cristã vai sendo engolida por invasões bárbaras e especialmente pelo neo-paganismo ianque.

A cristianização da vida político-social ibero-americana, a cristianização das instituições somente pode vir pela recatolicização dos nossos povos. Esse milagre é anunciado por Dom Bosco, se dermos fé (humana) à visão profética que teve.

E não é pouco penhor de fé o notar que os homens da "Conferência Internacional Americana", celebrada em Washington em 1889 (seis anos após o sonho maravilhoso), obedecendo certamente aos decretos ocultos da Providência, lançaram a ideia de uma via-férrea INTERCONTINENTAL, lembrança essa que entrou a ser executada parcialmente e que sugeriu outra, complementar: a via INTEROCEÂNICA, ligando o Atlântico, no Recife, ao Pacífico, em Valparaíso (Chile). Vide: Juan José Castro, *Estudio sobre los Ferrocarriles Sud-Americanos y las grandes lineas infernacionales* (Montevideo, 1893).

São justamente essas linhas férreas projetadas (pois continuam sendo em máxima parte projeto) as em que em sonho viajou Dom Bosco. E, como ela caminha para a realidade, esperemos que reais venham a ser as outras promessas do sonho célebre.

Vamos ler no capítulo seguinte o sonho notável, extraído do "*Boletim Salesiano*".

Capítulo 12
Sonho profético do Beato João Bosco

"Sobre o futuro do Brasil e da América do Sul".

D. Bosco narra o seu sonho da forma seguinte:

Na noite precedente à festa de Santa Rosa de Lima, em 30 agosto de 1883, eu me achava dormindo e ao mesmo tempo me parecia correr muito, por sinal, que me sentia cansado de correr, de falar, de escrever, fatigando-me em muitas ocupações. Enquanto duvidava se era sonho ou realidade, me parecia entrar numa sala de espera onde estavam muitas pessoas conversando sobre diversos assuntos. *Conversavam longamente sobre os selvagens que na Austrália, nas índias, na China, na África e mais particularmente na América, em número tão grande estão sepultados na sombra da morte. A Europa, a Europa Cristã, disse com seriedade um que discorria, a grande mestra da civilização e catolicismo, parece que se tornou apática para as Missões Estrangeiras: São poucos os que têm valor bastante para afrontar longas negações a países desconhecidos, para salvar as almas de milhões de homens, que, entretanto, foram remidos pelo Filho de Deus, por Jesus Cristo. Disse um outro: Que quantidade de idólatras vivem fora da Igreja e longe do conhecimento do Evangelho só na América. Os homens pensam (os geógrafos se enganaram) que as cordilheiras da América sejam como uma muralha que divide aquela grande parte do mundo. Não é assim. Aquelas longas cadeias de montanhas, tão altas, fazem ramificações de mil e mais quilômetros, só em comprimento. Netas existem matas que nunca foram percorridas, existem plantas, animais e se encontram pedras, das quais por lá se sente falta. Carvão fóssil, petróleo, chumbo, cobre, ferro, prata, ouro, escondidos naquelas montanhas, naqueles lugares onde foram colocados pela mão Onipotente do Criador para benefício dos homens. Oh! Cordilheiras, cordilheiras, quão rico é o Vosso Oriente!*

Naquele momento fiquei pasmo, senti um vivo desejo de pedir explicação de mais coisas e de perguntar quem eram aquelas pessoas, ali reunidas, e em que lugar me encontrava. Mas disse comigo: – Antes de falar é preciso que observe que gente será esta! E observei curiosamente em roda de mim. Todas aquelas personagens, porém, para mim, eram

desconhecidas. Entretanto eles como se só naquele momento me tivessem visto, convidaram-me a chegar a eles e aconselhavam-me com bondade. Eu perguntei então:

Digam por favor. Estamos em Turim, Londres, em Madrid, em Paris? Onde estamos nós? E quem são os senhores? Com quem tenho a honra de falar? Mas todas aquelas personagens respondiam vagamente, sempre falando de Missões. Naquele instante aproximou-se de mim um mocinho de seus dezesseis anos, amável, de uma beleza sobre-humana, e todo radiante de viva luz, mais clara que a do sol. Sua roupa era tecida com celestial riqueza, a sua cabeça coberta com um barrete, a modo de coroa, coberto de brilhantíssimas pedras preciosas. Fixando-me com olhar benévolo mostrava-me um interesse especial. O seu sorriso mostrava-me um afeto de especial atrativo. Chamou-me pelo nome, tomou minha mão e começou a falar-me da Congregação Salesiana. Eu estava encantado ouvindo o timbre da sua voz. Em um certo ponto, eu o interrompi:

Com quem tenho a honra de falar? Faça-me o favor de dizer-me seu nome. E o moço:

Não duvide; fale com toda confiança que está com um amigo.

Mas o vosso nome?

Dir-vos-ei meu nome, se for necessário: mas não é preciso, pois me deveis conhecer. E dizendo assim sorria. Observei melhor aquela fisionomia cercada luz. Oh! Filho do Conde Fiorito Colle de Toulon, insigne benfeitor da nossa Casa e especialmente das nossas Missões da América. Este moço tinha morrido pouco tempo antes. Oh! Sois vós, disse eu chamando pelo nome, Luís! E estes outros que aqui estão, quem são eles? São amigos dos vossos Salesianos, e eu como amigo vosso e dos Salesianos, em nome de Deus, quero dar-vos um pouco de trabalho.

– Vejamos de que se trata. Que trabalho é esse?

Ponha-se nesta mesa e depois puxe esta corda para baixo.

No meio daquela grande sala estava uma mesa, sobre a qual

estava enrolada uma corda, esta corda eu vi que estava marcada como o metro com linhas e números. Depois me apercebi mais tarde que aquela sala estava posta na América do Sul, mesmo debaixo da linha equatorial, e que os números escritos sobre a corda correspondiam aos graus geográficos de latitude. Eu peguei então a ponta daquela corda, observei-a e vi que estava marcado o número zero. Eu ria-me. E aquele moço angélico, disse-me:

Não é ocasião de rir, observai, o que está escrito na corda? Número zero!

– Puxe um pouco!

Puxei a corda, e eis o número 1. Puxei mais e 2, 3, 4, até 20. Perguntei então! Basta?

Não; mais abaixo. Puxe até encontrar um nó respondeu-me aquele moço. Puxei até o número 47 onde encontrei um grande nó. Para adiante ainda a corda continuava, mas separava-se em muitos cordéis que se dividiam do lado nascente, do poente e do Sul.

Basta? Perguntei eu. Perguntou o moço: Que número é? – É o número 47. – 47 mais 3 quanto dá? – 50 – E mais 5? – 55 – Notai cinquenta e cinco. E depois disse-me:

Puxe ainda!

Estamos na extremidade! Respondi eu.

– Então volte atrás e puxe a borda da parte oposta até o número 10. Aquele moço replicou: Puxe mais! Não tem nada mais?

Lhe respondi: Tem água. De fato, naquele instante dava-se em mim um fenômeno extraordinário, que não é possível descrever-se.

Eu me achava naquela sala, puxava aquela corda, e, ao mesmo tempo, se estendia a meus olhos como um imenso panorama de um país imenso, que eu dominava, que dominava quase como num voo de pássaro, e que se estendia com o estender daquela corda. Do primeiro zero até o número 55 era uma vastidão de terra que não tinha fim, que depois de um estreito de mar no fundo, aparecia um centro de ilhas, uma das quais era maior que as outras. Parecia que a estas ilhas aludissem os cordéis

espalhados, que partiam do grande nó. Cada cordel fazia cabeça a uma ilha. Algumas destas eram habitadas por indígenas muito numerosos, outras, estéreis, nuas, rochosas, desabitadas, outras, todas cobertas de neve e gelo. Do lado do poente, grupos numerosos de ilhas habitadas por muitos selvagens. Depois, na outra parte oposta de zero a 10, continuava a mesma terra e acabava naquela água, vista por mim, por último.

Pareceu-me ser aquela água, o mar das Antilhas, que eu via assim de um modo surpreendente, e que não é possível que eu explique com palavras, como eu a via. Tinha eu perguntado:

– Tem água!

Aquele jovem respondeu:

– Ora, some 55 e 10.

– Que dá? E eu somei 65.

– Ora, ponha tudo junto e fará deles uma corda só.

– Deste lado que tem?

E mostrava-se um ponto sobre o panorama:

– Do lado do poente vejo altíssimas montanhas, e do lado do nascente é o mar.

– Ora bem: estas montanhas, são como uma margem, um limite. Desde aqui até lá a messe oferecida aos Salesianos. São milhares e milhões de habitantes que esperam o vosso auxílio, esperam a fé. Essas montanhas eram as cordilheiras da América do Sul e aquele mar o Oceano Atlântico.

– E, – como fazer? – Repliquei eu. Como hão de conseguir trazer tantos povos ao rebanho de Jesus Cristo? Como fazer?

– Olhe!

E eis que chega D. Lago que trazia uma cesta de figos verdes e pequenos, e disse-me:

– Tome, D. Bosco!

– Que me trazes? – Perguntei eu, examinando o que continha a cesta.

– Deram-me para trazer-lhe.

– Mas estes não são bons para se comer; não estão maduros.

Então, o meu jovem amigo tomou aquela cesta, que era muito larga, mas tinha pouco fundo e me apresentava dizendo:

– Eis o presente que vos faço!

– E que devo fazer destes figos?

– Estes figos estão verdes, mas pertencem à grande árvore da vida. E vós procurai o modo de os amadurecer.

– E como? Se fossem maiores... se poderiam fazer madurar na palha, como se usa com as outras frutas, mas assim pequenos... verdes assim... É coisa impossível...

– Está bem, sabei que para os fazer amadurecer é preciso que façais de modo que todos esses figos sejam de novo pegados à planta.

– Coisa incrível! E como fazer?

– Olhai.

E tomou um daqueles figos e o pôs em banho, em um vasinho de sangue; depois o submergiu em outro vaso cheio d'água e disse:

– Com suor e com sangue os selvagens voltarão a ser atados à planta e a ser agradáveis ao Senhor da vida.

Eu pensava: mas para se conseguir isso se precisa muito tempo. E, então em voz alta, exclamei:

– Eu não sei mais o que responder.

Mas aquele caro jovem, lendo meus pensamentos, prosseguiu:

– Este acontecimento será conseguido antes que se acabe a segunda geração.

– E qual será a segunda geração?

– Esta presente não se conta. Será outra e depois uma outra.

Eu falava, confuso, embaraçado e quase balbuciando, ao escutar os magníficos destinos, que estão preparados para nossa Congregação e perguntei:

– Mas cada uma dessas gerações quantos anos abrange?

– Sessenta anos.

– E depois?

– Quereis ver o que deve ser? Vinde!

E, sem saber como, encontrei-me em uma estação de caminho de ferro. Aí estava reunida muita gente. Subimos ao trem. Eu perguntei onde estávamos. Aquele jovem Senhor respondeu-me:

– Notai bem! Observai! Nós andamos em viagem ao longo das Cordilheiras. Tendes também a estrada para o oriente até o mar. É um outro dom do Senhor.

– E, a Boston, onde nos esperam, quando iremos?

– Cada coisa a seu tempo!

E, dizendo assim, tirou fora uma carta, na qual estava levantada, em grande, a diocese de Cartagena. Enquanto eu observava aquela carta, a locomotiva apitou e o trem pôs-se em movimento. Viajando, o meu amigo falava muito, mas eu, por causa do barulho do trem, não podia entender inteiramente; contudo, aprendi coisas belíssimas e novas sobre astronomia, sobre navegação, sobre meteorologia, sobre a flora, sobre a fauna, sobre a topografia daquelas regiões, que ele explicava com maravilhosa precisão.

Temperava as suas palavras, entretanto, com uma reservada e, ao mesmo tempo, terna familiaridade, que demonstrava quanto me amava. Desde o princípio me tinha segurado a mão e me tinha assim afetuosamente seguro até o fim do sonho. Eu punha, de vez em quando, a minha outra mão livre sobre a sua, mas parecia fugir debaixo da minha, quase se evaporava, e a minha mão esquerda apertava somente a minha mão direita. O jovem sorria ao vier a minha inútil tentativa. Eu, de vez em quando, olhava pelas janelinhas do vagão passava diante de variadas, mas estupendas regiões. Matas, montanhas, planícies, rios muito longos e majestosos, que eu não acreditava que fossem tão grandes, em regiões tão distantes da foz.

Por mais de mil milhas temos costeado as extremidades de uma mata virgem, hoje em dia ainda inexplorada. A minha vista adquiria uma potência visual maravilhosa.

Não sentia obstáculos para se estender por aquelas regiões.

Não sei explicar como acontecesse nos meus olhos este surpreendente fenômeno. Eu estava como quem, sobre uma colina, vendo estendida a seus pés, uma grande região, põe, diante dos olhos, a pequena distância, uma fita mesmo estreita de papel, não vê mais nada ou bem pouco; que tira a fita de diante ou só levanta ou abaixa um tanto, eis que sua vista pode estender-se até o extremo horizonte. Assim me sucedeu por aquela intuição extraordinária adquirida, mas com esta diferença: à medida que eu fixava um ponto, e este ponto me passava em frente, era como o sucessivo levantar-se de cada um pano de teatro, e eu via as extensas e incalculáveis distâncias.

Não só via as Cordilheiras, quando estava longe delas, como também as cadeias de montanhas isoladas naquelas planícies incomensuráveis; eram por mim contempladas com todos os seus menores acidentes.

Pude então verificar a exatidão das coisas ouvidas, no princípio do sonho, na grande sala debaixo do grau zero. Eu via nas vísceras das montanhas e nas profundas camadas das planícies. Tinha debaixo dos meus olhos as riquezas incomparáveis destes países, que um dia hão de ser descobertos. Via numerosas minas de metais preciosos, camadas inesgotáveis de carvão de pedra, depósitos de petróleo tão abundantes, como até hoje não se encontraram, em outros lugares.

Mas isto não era tudo. Entre os graus 15 e 20, existia um seio bastante largo e bastante longo, que partia de um ponto onde se formava um lago. Então, uma voz disse repetidamente:

– Quando vierem escavar as minas escondidas no meio destes montes, aparecerá aqui a terra prometida, manando mel e leite. Será uma riqueza inconcebível.

Mas isto não era tudo. O que me surpreendeu mais ainda foi ver, em várias partes da cordilheira, que ela reentrava sobre si mesma, e formava vales cujas existências nem sequer os geógrafos presentes suspeitam, imaginando que, naquelas partes, as fraldas das montanhas sejam como uma espécie de muro direito.

Nestes seios, nestes vales que, decerto, se estendiam até a mil quilômetros habitavam grandes populações que não tiveram contato com os Europeus, povos ainda plenamente desconhecidos.

O trem, entretanto, continuava a correr, e vai e vai, e gira de cá, gira de lá, finalmente parou.

Aqui, desembarcou uma grande parte de viajantes que passava debaixo das cordilheiras indo para o Ocidente. O trem pôs-se de novo em movimento, andando sempre adiante. Como na primeira parte da viagem, atravessando matas; atravessando túneis, passávamos sobre viadutos gigantescos, penetrávamos entre gargantas de montanhas, costeávamos lagos e pantanais, sobre pontes, atravessávamos fios largos, corríamos através de campos e planícies. Passamos pelas margens do rio Uruguai. Eu pensava que fosse rio de pequeno curso, mas, pelo contrário, é muito longo. Em um ponto vi o rio Paraná, que corria vizinho do Uruguai, como se viesse trazer o tributo de suas águas, mas ao contrário disso, depois de ter corrido por um pedaço quase paralelamente afastava-se, fazendo um grande cotovelo. Todos estes dois rios eram muito largos. E o trem caminhava sempre para baixo e gira de uma parte e gira de outra, depois de um longo tempo, parou segunda vez. Muita outra gente desembarcou, e passava essa também por baixo das cordilheiras, indo para o Ocidente. O trem continuava viagem através dos Pampas e da Patagônia. Os campos cultivados e as casas espalhadas daqui e dali, indicavam que a civilização tomava posse daqueles desertos.

Quando começou-se a atravessar a Patagônia passamos um afluente do rio Colorado. Não podia ver o lado para onde corria, se para as cordilheiras, se para o Atlântico.

Procurava resolver este meu problema, mas não me podia orientar. Finalmente, chegamos ao estreito de Magalhães. Eu observava. Desembarcamos. Estava em Punta Arenas. O solo na extensão de várias milhas estava coberto dos depósitos de carvão de pedra, de mesas, de vigas de madeira de hulha, de imensos montes de metal, parte em bruto, parte trabalhado.

Filas compridas de vagões de carga estavam sobre os trilhos. O meu amigo mostrou-me todas estas coisas. Então, perguntei: o que quer dizer tudo isto?

Respondeu-me:

– Isto, agora, em projeto, um dia será realidade. Estes selvagens, no futuro, serão tão dóceis que virão eles mesmos para receber instrução, civilização e comércio.

Aquilo que, noutras partes, produz maravilha, aqui será maravilha, a ponto de superar tudo quanto agora causa admiração, entre todos os outros povos.

– Vi bastante – disse eu. Agora, leve-me a ver meus Salesianos na Patagônia.

Voltamos à estação e tomamos outra vez o trem para a volta. Depois de um longo percurso o trem parou diante de um povoado considerável. Na estação não havia ninguém a esperar-me. Desci do trem e encontrei logo os Salesianos. Aí, havia muitas casas com grande número de habitantes: havia mais Igreja, escolas, vários asilos de meninos e adultos, artistas e agricultores, e uma casa de educação de meninas, que se ocupavam de vários serviços domésticos. Os nossos missionários guiavam, conjuntamente, meninos e adultos. Eu fui para o meio deles. Eram muitos, mas eu não os conhecia e entre eles não restava nenhum dos antigos meus filhos. Todos me olhavam espantados, como se fosse pessoa nova, e eu dizia-lhes:

– Não me conheceis? Não conheceis Dom Basco?

– Oh! D. Bosco, nós o conhecemos de fama, mas nunca o vimos, senão nos retratos. De pessoa, certamente, não!

– D. Fagnano, D. Costamagna, D. Lasagna, D. Milanesio, onde estão eles?

– Nós não chegamos a conhecê-los. São daqueles que vieram, aqui, nos tempos passados, os primeiros Salesianos que vieram da Europa para estes países. Mas já são passados tantos anos, já morreram.

Diante desta resposta, eu pensava, maravilhado: Mas isto é um

sonho ou uma realidade?

E batia palmas, me apalpava os braços, enquanto realmente escutava as palavras, me sentia em mim e persuadia-me que não estava dormindo. Esta visita foi coisa de um instante. Visto o progresso maravilhoso da Igreja Católica, da nossa Congregação e da civilização naquelas regiões, eu agradecia à Providência que se tivesse servido de nós como instrumento da sua glória e da salvação das almas.

O moço Colle, entretanto, fez-me 1inal que era tempo de voltar atrás: despedi-me de meus Salesianos, voltamos à estação; o trem apitou. Partimos para o Norte.

Produziu-me maravilha uma novidade que me caiu debaixo dos olhos. O território da Patagônia, na parte mais vizinha do Estreito de Magalhães, entre as cordilheiras e o Atlântico, era menos largo do que acreditam os geógrafos. O trem caminhava numa carreira velocíssima e pareceu-me que atravessamos as províncias, a esta hora, já civilizadas, da República Argentina. Prosseguindo, entramos em uma mata virgem larguíssima e compridíssima, interminável. A um certo ponto o trem parou, e sob nossos olhos, apareceu um doloroso espetáculo. Uma multidão de selvagens grandíssima estava reunida em um espaço limpo no meio da mata. Suas figuras eram disformes, nojentas, vestidos de peles de animais cosidas juntamente. Circundavam um homem amarrado, que estava sobre uma pedra: esse estava muito gordo, porque o tinham feito engordar.

Aquele coitado tinha sido feito prisioneiro e parecia que pertencesse a uma nação estrangeira, pela maior regularidade dos seus lineamentos.

As turbas selvagens o interrogavam, e ele respondia, narrando as várias aventuras de suas viagens. De repente, se levanta um selvagem e, brandindo um grosso ferro, não era espada, mas muito afiado, lança-se sobre o prisioneiro, e, com um só golpe, separa a cabeça do corpo. Todos do trem estavam nas portas e portinholas do vagão; atentos e mudos de horror.

O mesmo Colle observava e calava. A vítima tinha dado um grito horrível e pungente, no ato em que foi golpeado.

Aqueles canibais se lançavam sobre o cadáver, que jazia em um lago de sangue, cortaram-no em pedaços, e punham aquelas carnes ainda palpitantes sobre os fogos que têm acendido de propósito, assando-as um tanto, devoravam-nas assim meio cruas. Ao grito do desgraçado o trem partiu, tomou sua vertiginosa carreira.

Por longuíssimas horas se caminhava sobre as margens de um rio larguíssimo, ora na margem direta, ora na margem esquerda. Eu não fiz caso, da portinhola, dos pontos desse trajeto. Entretanto, naquelas margens, de tanto em tanto apareciam numerosas tribos selvagens. E todas as vezes que as víamos, o moço Colle repetia:

– *Eis, aí a messe dos Salesianos*.

Depois, entramos em uma região cheia de animais ferozes, de répteis venenosos, de forma estranha e horrível. Formigavam nas faldas das montanhas, nos seios das colinas sombreadas, nas beiras dos lagos, nas margens dos rios, nas planícies, nos declives, nos lugares alcantilados.

Uns, pareciam cães com asas e pançudos (gula, luxúria, soberba), outros eram sapos grandíssimos, que comiam rãs. Viam-se certos cantos cheios de animais diferentes dos nossos. Estas três espécies de animais estavam todas misturadas, grunhiam surdamente como se quisessem morder-se, viam-se tigres, hienas, leões, mas de forma diversa dos da Ásia e da África. Aqui, então, meu companheiro dirigiu-me a palavra e, mostrando aquelas feras, exclamou:

– *Os Salesianos as amansarão*.

O trem se aproximava do ponto de partida. O moço Colle tirou fora uma carta geográfica, de uma beleza estupenda, e disse-me:

– Quereis ver a viagem que fizemos?

– Com muito gosto! – Respondi eu.

Ele, então, estendeu a carta, na qual era designada, com maravilhosa exatidão, toda a América do Sul. Ainda mais aí estava representado tudo quanto foi, tudo quanto é, tudo quanto será, naquelas regiões, mas

sem confusão, com lucidez tal, que numa vista d'olhos, tudo se via. Eu compreendi tudo, mas, pela multiplicidade das circunstâncias, pouco me durou esta clareza e agora formou-se, no meu espírito, uma inteira confusão.

Enquanto eu observava e esperava alguma explicação daquela carta, agitado pela surpresa do que via debaixo dos meus olhos, me pareceu que Quirino tocasse as Ave-Marias da manhã; *mas despertando-me apercebi que eram os toques dos sinos da Paróquia de São Benigno*.

O sonho tinha durado toda a noite.

D. Bosco conclui sua narração dizendo:

– Com a doçura de São Francisco de Sales, os Salesianos hão de atrair a Jesus Cristo às populações da América; será coisa dificílima moralizar os primeiros selvagens; mas seus filhos obedecerão, com toda facilidade, às palavras dos Missionários, e com eles se fundarão colônias, *a civilização tomará o lugar da barbaria e assim muitos selvagens virão a fazer parte do Rebanho de Jesus Cristo*.

Capítulo 13
A Caminho

"Criou-nos o regime maçônico de separação, em que vivemos desde a introdução da constituição copiada em 48 horas pelo liberalão-federativista Rui Barbosa, uma mentalidade fundamentalmente anticatólica e acanhada que atingiu a todas as esferas".

"*Quando a religião é banida da sociedade civil, a doutrina e a autoridade da revelação divina são rejeitadas, a verdadeira noção da justiça e do direito humano obscurece-se, perde-se e a força material toma o lugar dia justiça e do direito legítimo. Vê-se, pois, claramente por que certos homens, sem atenderem aos mais estáveis princípios da sã razão, ousam afirmar publicamente que a vontade do povo, manifestada por aquilo a que chamam opinião pública ou por outra forma qualquer, constitui a lei suprema, independentemente de todo o direito divino e humano; e que, na ordem política, os fatos consumados têm o valor do direito. Mas quem não vê, quem não sente que uma sociedade subtraída às leis da religião e da verdadeira justiça não pode ter outro objetivo senão o de amontoar, de acumular riquezas, e, em todos os seus atos, outra lei que não seja o indomável desejo de satisfazer as suas paixões, de conquistar prazeres?*" (*Quanta cura*, Pio IX).

São palavras que se devem repetir a toda hora no Brasil, porque temos uns letrados de dura cerviz. Há gente demais por aí, nas próprias rodas católicas, elogiando o estado de separação da Igreja e o Estado, tecendo absurdas loas à situação em que vivemos no Brasil republicano liberal-democrático, época de imenso mal espiritual e sobrenatural, de intensa desmoralização popular, de grande dissolução da família nacional por todos os males importados, de grave ofensa à justiça social, pois que de certo modo parecia que a Igreja era satélite do Estado e não colaborador dele na sua função especial e divina. Aumentou-se pela intensificação a religião inteligente "em certos meios", cresceram os bispados e arcebispados pela razão natural do aumento do povo e por ser também anticatólico e antinacional o regime do "padroado" que nos mimoseara o pombalismo e regalismo da nossa velha monarquia, a qual com esse defeito fugia ao espírito nacional e institucional da época em que o Brasil fora mais Brasileiro, profundamente Brasileiro: a Colônia. Não é isso, porém, razão suficiente para desejarmos um mau por termos tido um pior; pois que também havíamos tido o melhor, e não consta até hoje que o regime de entendimento religioso-político em que florescemos

na Colônia com as suas estupendas realizações tivesse desagradado à Igreja, à Nação e ao Estado que, naquele tempo, representava organicamente a Nação.

***

Criou-nos o regime maçônico de separação, em que vivemos desde a introdução da constituição copiada em 48 horas pelo liberalão-federativista Rui Barbosa, uma mentalidade fundamentalmente anticatólica e acanhada que atingiu a todas as esferas: destruiu o espírito essencialmente nacional Brasileiro, importando um modo de pensar falso e fora da unidade espiritual da Cristandade que se não compadece com essa importação do predomínio do sentido econômico na vida nacional, do negocismo acima da consciência, do material acima do espiritual, do pragmático acima do especulativo, do desinteressado, do bem, do belo, do verdadeiro. Copiamos problemas estrangeiros desde os "trusts" até o anti-concepcionismo, desde os "estados" desarticulados e particularistas até ao "laissez-faire" em questões econômicas, em questão social, etc., etc. Desterramos as nossas gloriosas qualidades de Raça para importar todos os feitios da pirataria internacional. As leis positivas valendo mais do que o direito natural e contrariando-o; amontoar riquezas materiais, contra a justiça social, contra a caridade, contra os interesses da Pátria; vender o Brasil ao ouro e às gorjetas estrangeiras; preferir o prazer ao dever; os divertimentos a penitência… tudo, tudo contra o espírito dos nossos egrégios Mortos, dos nossos messiânicos Antepassados.

É isso, porventura, que se quer continuar no Brasil? Esse o caminho?

Isso tudo é o que sucede "*quando a religião é banida da sociedade civil*", como diz Pio IX.

Bem verdadeiro é aquilo do dr. José da Gama e Castro: "*A religião não foi posta no mundo para proveito de Deus: foi para proveito do homem. Logo, o governo que, sob pretexto de tolerância, disser que*

a causa de Deus não é a sua, e a deixar correr à revelia, de um governo infiel a sua missão, porque não pode fazer a felicidade do povo".

Não assim se entendeu no Brasil "novembrino" e se entende por muitos do Brasil "outubrino", porquanto faz mister ainda voltarmos ao mês de maio, que é o da Cruz da posse e das caravelas, para que essa Volta ao passado nos abra os olhos ao Brasil real e verdadeiro.

Pois então se compreende que, por atenção a meia-dúzia de estrangeiros ou estrangeirizados das seitas anticatólicas, se roube a Religião a uma Nacionalidade que não começou em 1891, mas de quem se dizia na nossa primeira carta – "*A Igreja Católica continua a ser a religião do Império*"?

Estamos então num País de imbecis, de desfibrados, de indistintos?

***

Vamos a caminho de qualquer coisa nova.

Clamem os liberais democráticos, gritem as aves agourentas da maçonaria e da demagogia, blasfemem os cismáticos da Pátria, – mas o Brasil caminha.

Meios-termos ridículos não os permite a hora que vive o mundo.

Esses abandonos da doutrina da Igreja por parte dos próprios filhos dela, essa covardia de afirmar, essa sede de acordos e compromissos com o erro, essa ignorância que seria perdoável se fora invencível, são lenhas e carvões para a fogueira comunista. Vamos de concessão em concessão. São queridos ainda no Brasil os que não têm coragem de dizer tudo. Covardolândia! Acordolândia! Só não há lugar para dizer tudo o que a Igreja diz e cuja tese se aplica ao Brasil. Eis a razão por que muitos se opõem às afirmações violentas do PATRIANOVISMO… parecemos um povo de arrivistas que veio ontem e nada tem com as obras e exemplos dos Antepassados. Esquecemos tudo, traímos tudo e todos, mentimos, procuramos enganar-nos gritando alto o nosso engano

para ver se os ecos o repetem. E realmente repetem: são eles as coligações pró-estado leigo, as seitas ianques-imperialistas, plutocráticas, as associações "cristãs" de moços de todas as religiões, os rótaris, etc., etc.

Quanto a nós, em meio a essa trágica e dolorosa confusão, apelamos para o Papa que no *Syllabus* (Pio IX) condena esta proposição: "*LV. A Igreja deve separar-se do Estado, e o Estado da Igreja*".

A negação da Religião é o caminho para o comunismo.

A afirmação da Religião é a restauração perfeita da velha sociedade Nacional, é a realização do integralismo na vida Nacional, é a realização do "venha a nós o Vosso Reino" que muita gente tem na boca, pouca, todavia no coração.

Preferem a Deus o Dinheiro, a Liberdade, a Democracia; ao Espírito de Deus preferem o mau espírito do século.

Virá logo, talvez, a tal 1º constituinte republicana… Vamos ver o que vão defender os nossos representantes…

Capítulo 14
A fé antiga e imortal

"A Pátria, roubaram-lhe a alma, e agora riem dela, entregam-na ao esfacelamento, à cobiça dos internacionais vermelhos e "brancos" ou à protérvia hipócrita do ianquismo despótico, plutocrata, separatista, anarquizador de toda a nossa Ibero-América, na religião, nos costumes, na lei, na economia".

Hoje (07-07-1931), revendo notas antigas num caderno do passado, achei estas confidências minhas para mim mesmo, escritas em 07-04-1925: – "*Disse Santa Teresinha que Deus não dá grandes desejos inúteis. Ela não estudou filosofia, mas isso é bem filosófico e verdadeiro. Tenho um terrível desejo duma ação social: isto não é vão! Ora, mas eu sou um miserável, e a minha ação irá buscar os párias como eu, párias honestos. E então, sem dinheiro? E os jornais? E os inimigos? E as cadeias? ... Há canalhas cheios de dinheiro: porém, canalhas não servem, – são traidores! ... Também não creio em quem não é capaz de vencer as exigências da carne depravada: os devassos não prestam, os devassos de profissão! Precisamos ir ao povo, ao grande miserável, para reanimá-lo com palavras de fé e combate: principalmente ao povo que as autoridades e os preconceitos desclassificaram ... Meu Deus! Ninguém se quer definir ... Os párias, esses calam, gelados de terror*".

Desculpe o leitor se há nesse trechinho alguma coisa forte demais: foi escrito para mim mesmo, como desabafo, há seis anos, quando já me preocupava a mesma tortura da ação que hoje cresceu enormemente; e, se aquele tempo, quando previa tudo o que agora acontece, tinha espasmos de dor e me maltratava a tragédia do futuro, no presente que realizou o previsto, mais se me acresce a tortura da limitação humana, tão natural como tão dolorosa e horrível. Ver o erro e não poder contê-lo, ver o mal e não poder abafá-lo, conhecer o remédio e não poder aplicá-lo, ver a infâmia e não poder fustigá-la, ver o inimigo indigno, minaz, implacável, e não poder, como é de direito, derribá-lo!… Compreendem o que significa isto?!

Estamos na hora trágica do purgatório, quiçá não purgatório, mas a antecâmara do inferno. O meu, o nosso querido Brasil, o grande filho da Igreja, o maior filho da Igreja Católica está na época mais tormentosa da História, e somente vemos legiões de cegos, legiões de imediatistas, legiões de negocistas, legiões de indiferentes, que se não acordam com a voz das dores presentes e com o clangor das próximas dores.

As palavras coçam os ouvidos, mas não caem nas almas! Os

homens, como aconteceu com o desgraçado Baltasar, gargalham nos festins da sua devassidão, na pocilga do seu instinto estomacal, e não se lhes dá da ruína da Pátria, porque nunca foram Pais-da-Pátria, mas filhos ou enteados dela, para saquearem-na, ou entregarem-na ao saque partidário ou comercista, à pirataria internacional dos falsos amigos, para roubarem-lhe as suas grandezas morais, para se locupletarem à sua custa, sob mentido pretexto de servir-lhe às exigências. Da Pátria roubaram-lhe a alma, e agora riem dela, entregam-na ao esfacelamento, à cobiça dos internacionais vermelhos e "brancos", ou à protérvia hipócrita do ianquismo despótico, plutocrata, separatista, anarquizador de toda a nossa Ibero-América, na religião, nos costumes, na lei, na economia.

***

E cresce-me o desejo, quanto mais me sinto esmagado pela limitação do meu ser que, acorrentado à miséria da impotência, tem terríveis nevroses que não chegam à catástrofe das blasfêmias desesperadas, à fúria desencadeada das desesperanças incontíveis, porque domina tudo a mesma fé antiga que teima em esperar no meio da imensa penúria das possibilidades humanas.

E os homens passam… E aqueles que têm a grande sabedoria da carne, a grande "onipotência" precária do ouro, vão indo seu caminho com a burguesa impassibilidade idiota dos ruminantes é dos paquidermes.

Santa Teresinha consola-me ainda com as suas palavras… A fé grandíssima que a Santíssima Trindade me deu na providência do seu amor que salva, a confiança "empedernida" na onipotência suplicante da Virgem da Conceição, Padroeira do Brasil e Mãe de toda a Cristandade, isso é que dá a certeza perfeita da vitória do Bem contra a multidão do mal multiforme.

"*Isso não é vão*" posso e devo repetir. *Isto não é vão*.

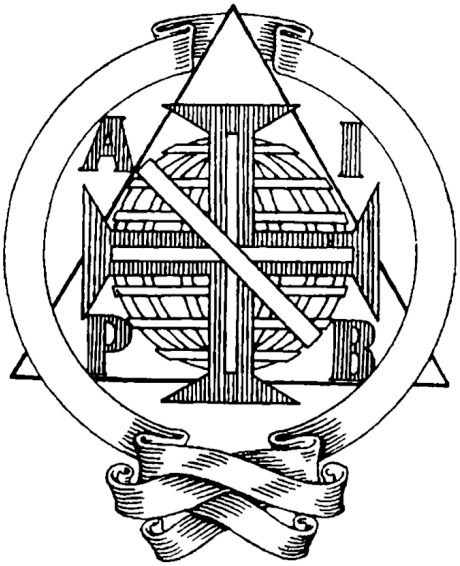
Quem foi que me deu estes ideais tremendos, estes desejos imensos, esta sede de realizar, este abutre que não cessa de molestar-me, de perseguir-me sem deixar sossego? Quem me deu esta ardente aspiração que, indefinida na infância, se foi corporificando, por assim dizer, em todo um complexo de Ideal divino e humano?

Cristo Rei! Tu me deste isto. Tu serás o realizador de tudo.

A fé antiga não morrerá no coração em que a puseste.

Glória! Glória a Ti! Glória em toda a tortura! Glória em toda dor! Glória em toda a incompreensão alheia! Glória, ainda nas horas em que ameaça a tentação da dúvida!

GLÓRIA À SANTÍSSIMA TRINDADE!



É até o Brasil o País da Igreja, porque é o país de Pedro que o é por Jesus. Pedro foi o seu descobridor, Pedro (Pero) o seu anunciador, Pedros muitos dos que maiores ações aqui fizeram nos primórdios nacionais, Pedros o 1º e 2º bispos, Pedros o 1º e 2º Imperadores; Pedro o 3º imperador, aguardado confiantemente pela nossa fé de Patrianovistas.

Fazemos parte, com honra que a todo católico deve entusiasmar, de uma civilização cristã, a Ibérica, que foi uma das maiores glórias da Igreja nos séculos passados.